

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE LETRAS
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS E INGLÊS

DANIELE APARECIDA BUENO DE LIMA DE CHAVES

**A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DO SUDOESTE
PARANAENSE POR MEIO DO GÊNERO ORAL CAUSO**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Pato Branco

2016

DANIELE APARECIDA BUENO DE LIMA DE CHAVES

**A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DO SUDOESTE
PARANAENSE POR MEIO DO GÊNERO ORAL CAUSO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras Português e Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Pato Branco, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado.

Linha de Pesquisa: Cultura e Linguagem – gêneros do discurso.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Márcia Andrea dos Santos.

Pato Branco

2016



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **Daniele Aparecida Bueno de LIMA**

Título: **A constituição da identidade cultural do Sudoeste Paranaense por meio do gênero oral causos**

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em 22/11/2016, pela comissão julgadora:

Prof.^a Dra. Márcia Andrea dos Santos – UTFPR Pato Branco
Orientador(a) e Presidente da Banca

Prof.^a Dra. Didiê Ana Ceni Denardi – UTFPR Pato Branco
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

Prof.^a Dra. Susiele Machry da Silva – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Prof.^a Dra. Claudia Marchese Winfield
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

Prof.^a Ma. Rosângela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
Portaria n.º 295 de 01/09/2015

“A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso”.

Em memória de meu avô que me ensinou por meio de suas histórias a amar e mergulhar no universo da linguagem.

Aos meus pais que sempre me incentivaram.

Ao meu esposo Altair e aos meus pequenos: Yasmin e Joaquim, minha força e superação.

AGRADECIMENTOS

Somos seres sociais, portanto, é graças as nossas relações interacionais que nos reconhecemos enquanto sujeitos partícipes de uma realidade. Desse modo, seria prepotência não agradecer a todos que me incentivaram e contribuíram durante a caminhada percorrida até aqui.

Por essa razão, inicio agradecendo a Deus que guiou meus passos e me fortaleceu nos momentos difíceis, me ensinando que com esforço e dedicação posso me superar e que embora o caminho seja repleto de desafios nada se compara ao doce sabor da chegada.

Agradeço também aos meus pais que desde os primeiros anos me incentivaram a gostar dos estudos e a não me contentar em ficar apenas na média. Sei que eles também sonharam em poder trilhar esse caminho de conhecimento, mas as circunstâncias não foram favoráveis, o que não os impediu de continuar lutando para que eu e meus irmãos tivéssemos sempre o melhor. Os valores que aprendi no seio de minha família levarei aonde quer que eu vá.

Reconheço também a importância significativa de meu esposo ao longo da caminhada, pois sempre me animou nos momentos de incertezas. Além disso, graças ao amor e carinho que sempre demonstrou aos nossos pequenos, pude estudar com tranquilidade e me superar, carregando sempre o desejo de no futuro proporcionar um maior conforto à minha família.

Por fim agradeço aos meus amigos, colegas de turma e aos professores que me ajudaram a construir conhecimento. Sem o auxílio de vocês talvez não conseguisse chegar até aqui, e se chegasse com certeza o caminho não teria o mesmo brilho. Agradeço em especial a minha orientadora, que sempre me estimulou a buscar, desde quando passei a fazer parte do PIBID até o momento presente, me mostrando a beleza e grandiosidade de ser professor, apesar de todos os desafios impostos diariamente.

A língua é o poema original por meio do qual um povo diz o seu ser. Inversamente, a grande poesia, aquela pela qual um povo entra na história, é aquilo que começa a dar figura a sua língua.

(HEIDEGGER).

RESUMO

C. LIMA, Daniele A. B. **A constituição da identidade cultural do sudoeste paranaense por meio do gênero oral causos**. 2016. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Licenciatura em Letras Português-Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2016.

O presente estudo tem como linha de Pesquisa *Cultura e Linguagem*, sendo que seu principal objetivo é investigar de que modo o gênero oral causos contribui para o fortalecimento da identidade linguística e cultural do sudoeste paranaense. Nesse intuito, primeiramente apresentamos alguns conceitos teóricos sobre cultura, identidade, língua e linguagem, bem como apresentamos a importância do estudo dos gêneros discursivos, sobretudo os ligados a oralidade, pois, é por meio destes que começamos a interagir com o meio que nos rodeia. Da mesma forma, é pertinente saber qual é o espaço ocupado pelo gênero oral causos na região sudoestina visto que, por meio da gravação e análise de alguns causos, contados por pessoas da região, mostraremos como essa prática de linguagem, contribui para a constituição de uma identidade linguística e cultural. Cabe mostrar que o gênero causos, geralmente estabelece um diálogo entre quem conta e seus ouvintes, tendo assim, características próprias que aqui estão contempladas. Podemos dizer que os causos são uma forma de ver o mundo, tendo geralmente como tema, vivências do cotidiano e fatos fantásticos que mexem com o imaginário de quem os ouvem. Portanto, manter viva a prática de causos na região, significa propagar os medos, anseios e crenças que contribuíram para o surgimento do povo sudoestino. Além disso, as contações de causos possibilitam conhecer e analisar a linguagem característica de quem as pratica como, suas marcas linguísticas, entonações, subjetivismo e os regionalismos, bem como nos possibilita conhecer o universo imaginário do povo, seus medos e crenças que contribuem para a constituição de uma identidade cultural particular.

Palavras-chave: Identidade. Cultura. Linguagem. Gênero causos.

ABSTRACT

C. LIMA, Daniele A. B. **The constitution of the cultural identity of southwest paranaense by oral genre anecdote.** 2016. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) –Licenciatura em Letras Português-Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2016.

The present study has as a research line *Culture and Language*, and its main objective is to investigate how oral anecdotes contribute to strengthening the linguistic and cultural identity of southwest Paraná. To this end, firstly we present some theoretical concepts about culture, identity and language, as well as, we present the importance of the study of discursive genres, especially those related to oral interaction, because it is through these ones that we started interacting with the environment around us. Similarly, it is relevant to know what is the space occupied by the oral genre anecdote in the southwest region, since, through the recording and analysis of some anecdotes, reported by people from the region, we will show how this practice of language, contributes to the constitution of a linguistic and cultural identity. It should be shown that the genre anecdote, usually establishes a dialogue between the speaker and listeners, having thus, own characteristics which are contemplated here. We can say that anecdotes are a way of seeing the world, whose theme is everyday experiences and fantastic facts that stir the imagination of those who hear them. Therefore, keeping the practice of reporting anecdotes in the region alive means to propagate the fears, anxieties and beliefs, which contributed to the Southwest people's emergence. Furthermore, anecdote reports make it possible to know and analyze the language characteristics of those who practice them, such as its linguistic marks, intonations, subjectivism and regionalisms, as well as, enables us to know the imaginary people universe, their fears and beliefs which contribute to the constitution of a particular cultural identity.

Keywords: Identity. Culture. Language. Anecdote genre.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 O DIÁLOGO ENTRE TERMOS.....	13
2.1 O CONCEITO DE CULTURA.....	14
2.2 IDENTIDADE CULTURAL.....	16
2.3 LÍNGUA.....	18
2.4 LINGUAGEM.....	19
3 GÊNEROS DISCURSIVOS.....	22
3.1 GÊNEROS ORAIS.....	24
3.2 GÊNERO CAUSO.....	26
4 ANÁLISE DE DADOS.....	29
4.1 CONSTRUÇÃO COMPOSICIONAL.....	31
4.2 CONTEÚDO TEMÁTICO.....	35
4.2.1 Causos fantásticos.....	35
4.2.2 Causos como memória coletiva.....	38
4.3. ESTILO.....	40
4.3.1 Variedade linguística.....	41
4.3.2 Marcadores conversacionais.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	47
APÊNDICES.....	50
ANEXOS	62

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se insere no campo de Estudos Linguísticos, tendo cultura e linguagem como linha de pesquisa. Partindo dessa corrente de estudos, abordamos o gênero oral causo e a sua relevância enquanto instrumento de composição da identidade cultural do sudoeste paranaense. Muitas pessoas pensam que cultura é apenas aquilo ditado pela elite social e seus padrões clássicos. Sendo assim, não é de se estranhar a frequência com que ouvimos frases tal como, “este povo não tem cultura”, em conversas sobre o sudoeste paranaense.

Desse modo, se faz necessário investigar o que são gêneros orais e como os mesmos, se configuram na formação da identidade cultural de um povo. Da mesma forma, é pertinente saber qual é o espaço ocupado pelo gênero oral causo, na região atualmente, e como eles foram passados para as novas gerações. Mas, o principal intuito desse estudo é por meio da gravação de alguns causos, contados por pessoas da região, analisar como essa prática de linguagem sobrevive em meio a um mundo conectado e informatizado, bem como descobrir como essa prática contribui, na constituição de uma identidade cultural.

Para tanto, é imprescindível conhecer algumas teorias que embasam conceitos de cultura, língua/linguagem, identidade, bem como, rever algumas definições de gêneros orais e conhecer algumas concepções do gênero a ser abordado e a sua relevância enquanto construtor de identidade. Por essa razão, o intuito deste projeto é apontar a importância de se conhecer a própria cultura, além de mostrar que a região sudoestina tem sim uma cultura, que lhe é muito característica, mas que vem sendo deixada de lado, sobretudo na realidade urbana.

Antigamente, eram comuns as rodas de conversas na região, em torno do fogão à lenha ou do lampião, onde por meio de histórias se buscava explicar acontecimentos extraordinários, vivenciados ou não por quem as narrava. Esses relatos, conhecidos como causos, ajudaram a constituir a identidade cultural do povo sudoestino. No entanto, muitos desses relatos, que fizeram parte do imaginário de inúmeras pessoas, já caíram no esquecimento. Mas, será essa uma realidade geral, ou apenas urbana, este é um dos fatores que este estudo pretende responder.

Sabemos que com a modernidade e o advento das tecnologias, a prática do gênero causos tem se tornado escassa, bem como o uso de muitos dos gêneros orais. Todavia, alguns desses causos continuam vivos, sobretudo nas zonas rurais,

sendo de suma importância o resgate dessa prática da tradição oral. O gênero oral causo, muito tem a dizer sobre a linguagem do povo da região. Além disso, o prazer proporcionado ao ouvir essas histórias, contribui para o fortalecimento das relações interpessoais, tão deixadas de lado atualmente.

Ao nos debruçarmos nas teorias baktinianas, percebemos o caráter maleável e dinâmico dos gêneros discursivos, os quais estão presentes em todas as áreas da atividade humana, sendo assim, totalmente vinculados à vida cultural e social de um determinado grupo. Os gêneros na perspectiva de Bakhtin são vistos como um tipo de enunciado relativamente estável, criados com o intuito de se realizar uma ação social por meio da linguagem, sendo assim, embora muitas vezes não percebamos, continuamente utilizamos dos gêneros para nos comunicar.

Assumimos desse modo, o gênero causo tão característico do Paraná, como sendo um modo do povo se manifestar, linguística e discursivamente. Benjamin (1975) comenta que o narrador oral, contador de causos, retira da sua experiência ou de fatos relatados pelos outros, o material necessário para elaborar suas histórias. Antônio Cândido (1973), por sua vez, comenta o quão importante é a tradição oral na organização de uma sociedade, na sua representação de humanidade. É na obra de um povo que se reflete sua personalidade.

Por essa razão, conhecer e valorizar o gênero causo é importante, pois além de manter viva a identidade de um povo, nos possibilita conhecer a linguagem utilizada no discurso de quem o pratica. Além disso, as narrativas orais expressam hábitos e valores compartilhados no ambiente familiar, religioso e comunitário, que vieram com os primeiros habitantes da região, e foram sendo transmitidas oralmente, mas que pouco a pouco vão se perdendo com o tempo, sobretudo no mundo globalizado em que vivemos, visto que, graças aos recursos tecnológicos, tudo está ao nosso alcance com apenas um toque.

Essas histórias, conhecidas como causos, geralmente estabelecem um diálogo entre quem conta e seus ouvintes. Podemos dizer que são uma forma de ver o mundo, tendo geralmente como tema, vivências do cotidiano e fatos fantásticos que mexem com o imaginário de quem as ouve. Cabe ressaltar que, toda cultura popular é uma consequência de atividades do cotidiano humano contida na maneira de falar, agir, pensar e que geralmente se propaga oralmente. Portanto, manter viva a prática de causos na região significa propagar, os medos, anseios e crenças que contribuíram para o surgimento do povo sudoestino.

Além disso, as contações de causos possibilitam analisar a linguagem característica de quem às pratica e conhecer o universo imaginário do povo. Cabe lembrar que, ao ter contato com o gênero, o imaginário dos ouvintes é levado a viajar, possibilitando que os mesmos mergulhem nesse universo fantástico e transmitam o que ouviram, colocando também ali a sua visão de mundo. Além do mais, é na tradição oral de um povo que encontramos a base para o surgimento de inúmeros gêneros como mitos, lendas e canções.

No entanto, para que o trabalho obtenha o êxito esperado, alguns passos são imprescindíveis, desse modo, o estudo está dividido em duas etapas, sendo que num primeiro momento, serão analisadas algumas obras e documentos de caráter teórico, no intuito de mostrar a relevância do estudo e como o mesmo é validado enquanto pesquisa em linguagem e cultura. Nessa sessão, se expõe os conceitos de língua/linguagem e identidade cultural, bem como os conceitos teóricos sobre gênero discursivo, principalmente os ligados à oralidade.

Alguns dos teóricos utilizados ao longo do trabalho serão Bakhtin, Schneuwly e Dolz, para definir gêneros discursivos, Stuart Hall, Maurice Halbwachs, Walter Benjamin e Câmara Cascudo nas concepções de identidade, cultura e narrativas orais. Também serão analisados autores que definem o gênero causo, bem como a sua importância na constituição da identidade paranaense, tais como Michele Simonsen, Carlos Zatti e Batista.

É importante esclarecer que esta pesquisa, segue o método fenomenológico que segundo as definições de Gil (2009, p. 15) “parte do cotidiano, da compreensão do modo de viver das pessoas, e não de definições e conceitos”, procurando desse modo resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos ao objeto que está sendo estudado. As técnicas de pesquisa mais utilizadas são, portanto, de natureza qualitativa, ou seja, buscam conhecer as diversas situações que ocorrem cotidianamente, tanto na vida de um determinado sujeito, quanto em grupos e comunidades mais complexas.

Por esse motivo, num segundo momento, será apresentada a coleta de alguns causos os quais, foram gravados tomando determinados sujeitos como representante de cada uma das cidades contempladas, sendo elas, Pato Branco, Itapejara D'Oeste, São João e Chopinzinho. Esses causos posteriormente foram transcritos tal como foram contados, no intuito de se investigar como os mesmos

contribuem para a formação da identidade linguística e cultural do povo e qual a sua importância para o fortalecimento da história sudoestina.

Para a gravação dos casos, utilizamos a entrevista focalizada, pois nela o entrevistador “permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada” (GIL, 2009, p. 112). Desse modo, o sujeito contador de casos tem a liberdade de relatar suas histórias da mesma forma que faz quando está em meio ao seu grupo familiar, local privilegiado para a propagação desses casos. Para contribuir, o entrevistador se valeu da observação participante, na qual, ele assume até certo ponto, o papel de um membro do grupo, sendo assim, “pode se definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo (GIL, 2009, p. 103).

Na sequência é disposta a transcrição dos dados coletados, seguindo as normas para transcrição de entrevistas gravadas elaboradas pelo projeto NURC/SP. É importante esclarecer que, dos quatro contadores de caso aqui analisados, dois são do sexo feminino e dois do sexo masculino. Quanto a idade, um dos representantes tem cinquenta e seis anos, dois tem sessenta e cinco e o outro possui oitenta anos. Deste modo, podemos verificar que a contação de casos é uma prática constante entre ambos os sexos, sendo que a faixa etária dos contadores é diversificada

Os casos foram recolhidos, no intuito de analisar os casos recolhidos, verificando o discurso utilizado, os temas abordados, os marcadores conversacionais presentes no relato, bem como a linguagem utilizada. Por fim, tecemos algumas considerações a respeito dos casos analisados, e de todo processo de desenvolvimento do trabalho, mostrando assim como o gênero abordado é indispensável como instrumento de constituição da identidade cultural do sudoeste paranaense.

2. DIÁLOGO ENTRE TERMOS

A língua com a qual nos expressamos é muito mais que um instrumento de comunicação, ela nos afirma enquanto sujeitos de um determinado grupo. Obtida por meio da troca de interações entre os espaços que nos rodeiam, sejam eles familiar, cultural ou social, faz parte daquilo que, sendo singular em cada ser, tem sua fonte no coletivo e para ele reverte num movimento contínuo. Nesse sentido, língua, cultura e identidade estão em constante diálogo, “o que faz com que a relação entre estes três conceitos seja imanente, uma vez que não há cultura sem língua e que a identidade se constrói por meio da língua e da cultura” (COELHO e MESQUITA, 2013).

Desse modo, afirmamos que, não há língua que se difunda sem o auxílio da cultura de seus falantes, nem cultura que perdure sem o uso de uma língua. Da mesma forma, não há identidade desvinculada da língua, nem língua que não pressuponha a construção de uma ou de diversas identidades em um determinado indivíduo ou comunidade linguística. Segundo Bakhtin (1997), Não há enunciados neutros, pois, a palavra é o fenômeno ideológico por excelência, ela é o modo mais puro e sensível de relação social, ou seja, a língua é a mediadora de todas as relações sociais. De acordo com o autor,

[...] a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. (BAKHTIN, 1997, p. 41).

Assim sendo, compreendemos que é por meio da palavra, ou seja, pelos signos e significados de uma determinada língua que a cultura e a identidade se constroem e se disseminam. É por intermédio da língua e da linguagem de um determinado grupo que uma cultura é difundida, ou seja, por meio da interação social podemos ou não nos identificar com determinados aspectos culturais. Adiante esmiuçaremos um pouco mais cada conceito, no intuito de esclarecer essa inter-relação entre os termos.

2.1 O CONCEITO DE CULTURA

Dede o nascimento todo indivíduo se depara com uma infinidade de signos e significados presentes nos ambientes que o cercam. Pouco a pouco, o mesmo vai absorvendo essas ideologias como sendo parte fundamental de sua cultura. Desse modo, podemos dizer que “cultura é o conhecimento aprendido no processo histórico e social, uma rede complexa que liga conhecimento, a moral, as crenças, artes, leis, comportamentos ou qualquer outra capacidade ou hábito que adquirimos como membros de um grupo” (MOTTA-ROTH, 2008, p. 138).

Podemos afirmar que a cultura esta intimamente ligada às significações que um dado indivíduo ou grupo, atribui aos acontecimentos cotidianos que vivencia. Ou seja, a cultura é um modo de entender e agir diante do meio em que o sujeito esta inserido. Segundo Thomaz (1995), ela:

[...] se refere à capacidade que os seres humanos têm de dar significado às suas ações e ao mundo que os rodeia. A cultura é compartilhada pelos indivíduos de um determinado grupo, não se referindo, pois, a um fenômeno individual; por outro lado, [...] cada grupo de seres humanos, em diferentes épocas e lugares dá diferentes significados as coisas e passagens da vida aparentemente semelhantes. [...] o homem é um ser social, o que quer dizer que compartilha com outros homens formas de agir e de pensar. (THOMAZ, 1995, p. 427 *apud* SANTOS, 2010, p. 37).

Seguindo essa afirmação e, tomando o termo cultura como “o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico” (EAGLETON, 2005, p. 55), podemos afirmar que, é por meio da língua que uma determinada cultura é mantida e difundida, proporcionando aos seus membros, uma identificação com aquela determinada cultura. “Essas identidades só adquirem significado com base em um conjunto de atributos culturais que se relacionam mutuamente e que se sobressaem com relação a outros atributos”. (COELHO e MESQUITA, 2013).

Para Cucho (2002, *apud* SANTOS, 2010, p. 36) a cultura é o “conjunto de significações que são comunicadas pelos indivíduos de um dado grupo” por meio das interações que o mesmo realiza. Desse modo, cabe aos estudos de caráter social a tarefa de analisar e compreender as variadas trocas interativas como sistemas culturais, sistemas esses que se propagam e são entendidos por meio da linguagem de seus falantes e o seu contexto de circulação.

É importante esclarecer que, a cultura de um sujeito ou de uma determinada comunidade, esta constantemente sujeita a mudanças, posto que, é um processo contínuo que resulta da interação realizada entre os indivíduos, permitindo aos mesmos negociar “maneiras apropriadas de agir em contextos específicos” (EAGLETON, 2005, p. 55). Esse processo é mediado pelos signos da língua, permitindo a afirmação e difusão dos aspectos culturais de um grupo entre as gerações.

Todavia, graças a crescente globalização, difundida com o advento das tecnologias, sobretudo a informática, as distâncias geográficas e sociais têm sido encurtadas, do mesmo modo que a interação face-a-face. Esse fenômeno contribui para a crescente hibridização entre as culturas, pois acabamos absorvendo como nossos aspectos culturais de outras realidades, sobretudo dos países mais desenvolvidos.

As mudanças econômicas e políticas trazidas a reboque da globalização na modernidade tardia têm profundas conseqüências culturais. Sociedades contemporâneas são dominadas pelo volátil, o efêmero e o descartável, não apenas no âmbito dos bens materiais, mas também em relação a valores... apego as coisas (MOTTA-ROTH, 2008, p. 138).

Em contrapartida a essa realidade, muitos grupos culturais buscam reafirmar sua identidade, mostrando o quão significativas são suas práticas. A cultura que herdamos de nossa família, sociedade e grupos, é o que nos constitui enquanto sujeitos e nos faz sentir pertencentes a uma realidade. Desse modo, é de suma importância a valorização dos aspectos particulares da nossa cultura local e nacional.

Podemos afirmar que, as culturas nacionais e locais, produzem sentidos proporcionando a construção de identidades. Esses sentidos estão contidos, sobretudo nos costumes e na fala do povo, geralmente difundido por meio de relatos e estórias que surgem da vivência e do imaginário. Essas memórias têm o poder de conectar passado e presente. Stuart Hall (2011) ao relatar sobre as culturas nacionais afirma que, elas são compostas por símbolos e representações, ou seja, disseminadas pela língua, pelos discursos sociais que seus membros praticam.

2.2 IDENTIDADE CULTURAL

Tomando o pressuposto de que nos apropriamos e nos reconhecemos partícipes de uma determinada cultura por meio da interação social, podemos concluir que o mesmo acontece com nossa identidade. É nas trocas de relações que nos identificamos ou não com o meio, pois “as identidades não são nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos” (SILVA, 2000, p. 108).

Além disso, “trata-se de compreender que os participantes de uma dada interação não somente comunicam palavras e constroem o sentido dessas mesmas palavras, mas também negociam construções sociais de identidade” (JUNG, 2009, p. 25). É neste processo de interação que cada um vai construindo o seu “eu”, constatando o que temos de semelhante ou diferente em relação ao outro, constituindo assim “a identidade social e a consciência de si” (LANE, 1981, p.16, *apud* SANTOS, 2010, p. 53).

Estamos num contínuo processo de aprendizagem, desse modo, nenhum indivíduo pode afirmar com clareza qual é a sua identidade. Agimos de diferentes formas em cada contexto social, mesmo sem perceber, pois cada situação requer uma ação e reação diferente dos sujeitos envolvidos. Nunca retornamos do mesmo modo que chegamos numa determinada troca interacional, pois a linguagem tem o poder de modificar pensamentos e certezas. É importante ressaltar também que, quanto mais um discurso social é propagado, mais significado o mesmo adquire para o grupo que o pratica, contribuindo desse modo para o reconhecimento dessa prática discursiva como identidade cultural. Segundo Castell:

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço (CASTELL, 2000, p. 23).

Comungando dessa mesma ideia, Hall (2011) nos mostra que essa é a concepção sociológica clássica a respeito da identidade, ou seja, ela se forma na interação entre o eu e a sociedade em que estou inserido. Ele afirma ainda que,

enquanto sujeito, temos uma “essência interior que é o real, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 2011, p.11).

Desse modo, podemos afirmar que as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e pelos sistemas simbólicos pelos quais são representadas visto que “sua construção é tanto simbólica quanto social, sendo a representação uma atuação simbolicamente marcada para classificar o mundo e as nossas relações dentro dele” (SANTOS, 2010, p. 42). Vale ressaltar que, para Hall (2002), a identidade deve ser entendida como sendo o ponto de encontro entre os discursos que nos interpelam. Desse modo cabe a nós, enquanto sujeitos, assumir nosso papel diante dos diversos discursos sociais que nos rodeiam, agindo criticamente sobre os mesmos no intuito de assimilá-los ou não.

Sendo assim, percebemos que alguns aspectos de nossa identidade acabam se fixando de tal modo que não nos reconhecemos sem fazer uso deles continuamente. Porém, nossa identidade é formada ao longo do tempo e está sujeita a transmutações, não sendo de se estranhar a constância de vezes com a qual nos deparamos com sujeitos, acabando por assumir uma identidade totalmente inversa daquela que habitualmente era conhecido. Assim, conforme Gumperz e Cook-Gumperz (1982):

a identidade é o resultado dos processos de identificação com determinadas comunidades de fala. A pessoa age com base naquilo que construiu a partir de uma participação intensa em diferentes redes sociais das comunidades de fala. Trata-se de aspectos culturais, lingüísticos, religiosos e sociais que constroem as diferentes identidades sociais assumidas e/ou negociadas por um indivíduo (GUMPERZ E COOK-GUMPERZ, 1982, *apud* JUNG, 2009, p. 26).

Para concluir esse conceito, é indispensável perceber que essas mudanças de identidades culturais ocorrem dentro dos discursos, sendo assim, como afirma Hall (2000) “nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos, institucionais e específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas” (HALL, 2000, p.109). Desse modo, a melhor forma de se construir uma identidade cultural, é propagando com o auxílio da língua e da linguagem aquilo que é próprio de um determinado grupo.

2.3 LÍNGUA

Inicialmente, precisamos esclarecer de que forma, língua e linguagem, estão vinculadas à cultura de um povo e como as mesmas contribuem para a propagação de uma determinada identidade cultural. Segundo Simon “em resumo: dá-se o nome de cultura a todas as criações humanas” (SIMON, 2012, p. 15). Sendo assim:

A língua tem, na cultura, sua razão de ser, não é apenas um recurso para expressar pensamentos, emoções e vontades. É também um meio para chegar a esses estados mentais. Há uma aderência do pensamento às palavras. A(s) língua (s) figura entre as instituições sociais. Falar é sempre um ato social [...] O indivíduo não cria a linguagem. Faz uso daquela que a sociedade lhe ministrou (SIMON, 2012, p.17).

Toda língua é por natureza heterogênea, pois ela se molda à necessidade comunicacional de seus falantes. Em termos gerais, a língua é compreendida como um conjunto sistemático de signos, “capaz, não somente, de descrever o mundo real e o mundo subjetivo, mas, também, de materializar esse mundo” (SANTOS, 2010, p. 65). A língua é também, baseada em certo número de regras, das quais uma comunidade faz uso no intuito de se comunicar. Em resumo, uma Língua é parte constitutiva das circunstâncias históricas, culturais e sociais do povo que, dela se vale para a comunicação.

[...] a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992, p.123).

Para Orlandi (2001 *apud* SANTOS, 2010, p. 69), a língua “é compreendida não apenas como processo de constituição da subjetividade e da objetividade humana, mas também como sentido. Em seu aspecto simbólico e social, ela constitui o homem e sua história”. A linguagem, desse modo é entendida como a mediação entre o homem e a realidade, sendo dessa forma, um instrumento de transformação dessa realidade, por meio dos diferentes discursos sociais que circulam cotidianamente.

Diante dessa caracterização tão complexa que influi constantemente na vida de cada sujeito, reconhecemos que a língua não pode ser confundida com um mero

conjunto de signos e regras, pois segundo Chauí (2006), atravessa também aspectos físicos, socioculturais, psicológicos e linguísticos. A língua não é homogênea, sofre variações de toda ordem: fonético, fonológica, léxico, semântica e morfossintática, sujeita que está a variáveis linguísticas, sociais e situacionais. De acordo com Chauí (2006), a língua é um código, um conjunto de regras que permite produzir informação e comunicação, sendo realizada através de mensagens, isto é, pela fala dos sujeitos que veiculam informações e se comunicam de modo específico e particular em cada situação.

Segundo Soares o funcionamento da língua é uma “atividade interativa entre dois ou mais interlocutores, que se realiza sob a forma de textos orais ou escritos, veiculados em diferentes suportes, com diferentes propósitos comunicativos e em conformidade com fatores socioculturais e contextuais.” (SOARES, 2003, p.103). Desse modo, a língua é mais do que somente um instrumento de comunicação, pois cada sujeito ao falar procura ser compreendido e acreditado em seus enunciados.

2.4 LINGUAGEM

Segundo Jung (2009), a vertente pós-estruturalista defendida por Foucault e Derrida, nos mostra que o discurso deve ser o centro dos estudos linguísticos visto que, a linguagem é concebida não apenas como uma representação da realidade criada pelos sujeitos, mas como um meio de constituir e firmar os sujeitos nessa realidade. Ou seja, os sujeitos são formados por meio da linguagem, dessa forma, “...atividades culturalmente pertinentes são mediadas pela linguagem. Sob essa perspectiva, os elementos do texto resultam de uma dada interação social e precisam ser explicados em termos dos elementos do contexto” (MOTTA-ROTH, 2008, p. 133)

A linguagem como um meio de acesso ao mundo deve proporcionar aos seus falantes, saber interagir nas mais variadas situações sociais, visto que “o sujeito é pensado em termos de uma interação constitutiva com a sociedade: assim como precisa da sociedade para existir como tal, o sujeito constitui, em sua relação com outros sujeitos essa mesma sociedade” (SOBRAL, 2009, pg.47). É por meio dos sentidos adquiridos nas diferentes situações discursivas que o sujeito se

identifica, sendo que a linguagem passa a ser um instrumento de empoderamento ou alienação do sujeito.

Sabemos que o uso da linguagem em qualquer contexto social manifesta-se através da interação verbal entre os sujeitos. “A interação verbal constitui a realidade fundamental da língua, e ocorre no ato de enunciação pela palavra como uma ilha emergindo de um oceano de signos sem limites e que se efetiva num determinado contexto social” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1992). Segundo Motta-Roth é durante a interação social que:

As pessoas reconhecem similaridades entre situações recorrentes e assim elaboram representações de ação tipificadas. Essa representação é um construto social, intersubjetivo, baseado em esquemas mentais das situações que, por sua vez, são construídos a partir da experiência social, em termos de linguagem pertinente, eventos e participantes. (MOTTA-ROTH, 2008, p. 134).

As teorias de Bakhtin e o círculo, comungando desses mesmos conceitos, levam a entender o interacionismo como social e dialético, posto que as atividades humanas elaboram-se a partir da linguagem, caracterizando o interacionismo como sociodiscursivo. Desse modo, a linguagem é vista como um meio de acesso ao mundo, portanto, uma boa comunicação é indispensável, levando em conta as mais variadas situações sociais a que somos expostos diariamente.

Segundo o pensamento de Chauí a linguagem perpassa o espaço da fala, passando a fazer parte de aspectos íntimos da formação humana. A autora cita que:

A linguagem é nossa via de acesso ao mundo e ao pensamento, ela nos envolve e nos habita, assim como a envolvemos e a habitamos. Ter experiência da linguagem é ter uma experiência espantosa: emitimos e ouvimos sons, escrevemos e lemos letras, mas, sem que saibamos como, experimentamos e compreendemos sentidos, significados, significações, emoções, desejos, ideias (CHAUÍ, 2006, p. 155).

Em resumo, é por intermédio da linguagem que nos situamos no mundo e conquistamos nosso espaço num determinado grupo. Além disso, a linguagem utilizada por um indivíduo ou uma comunidade discursiva, muito tem a dizer sobre seus aspectos culturais e identitários visto que, carrega em si inúmeras significações e visões de mundo. A linguagem forma o sujeito e lhe concebe o poder de interagir com o meio e mostrar a sua forma de conceber a realidade.

Cabe lembrar também que, é por meio da linguagem que os grupos discursivos mantém viva sua identidade e memória, pois o já dito afeta, em

determinada circunstância, a forma como o sujeito vai construir seus próprios significados. Sendo assim: “O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua” (ORLANDI, 2008, p. 31).

O sujeito, por sua vez, não tem controle, tão pouco, total acesso à forma como os sentidos se constituem em seu interior. Desse modo, cada prática discursiva molda a linguagem de acordo com o que procura transmitir, atendendo as finalidades estabelecidas pelos sujeitos que dela participam. Sendo assim, as práticas discursivas de um determinado grupo, acabam por se tornar parte da identidade cultural de seus falantes.

3. GENEROS DISCURSIVOS

Os gêneros discursivos, conforme Bakhtin (2003) são elos transmissores que ligam a história da linguagem à história da sociedade. Em resumo, para Bakhtin e o círculo, os gêneros são vistos como um tipo de enunciado relativamente estável criado em uma esfera de atividade humana, ou por uma comunidade discursiva, no intuito de realizar uma ação social por meio da linguagem. Assumimos dessa forma, os gêneros como um pré-acordo de um grupo social, sobre o modo de realizar algo linguística e discursivamente.

O gênero textual funciona como componente semiótico mediador das práticas sociais. Em sua função mediadora, o gênero nos permite recuperar conexões entre a ação individual (incluindo as prescrições de papéis identitários) e as estruturas sociais, mais abstratas, em forma de regras e recursos (MEURER, J.L, 2008, p. 161).

Sendo assim, em qualquer prática discursiva nos comunicamos por intermédio de algum gênero, seja utilizando uma linguagem mais elaborada, ou em situações cotidianas informais. Por esse motivo, os estudos bakhtinianos debruçam o olhar sobre a importância e funcionalidade dos gêneros, destacando que graças a eles, a Língua consegue cumprir seu papel e os falantes passam a ser sujeitos modificadores da realidade por meio de suas interações sociais.

Falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção de um todo. Dispomos de um rico repertório de gêneros de discurso orais e escritos. Em termos práticos, nós os empregamos de forma segura e habilidosa, mas em termos teóricos podemos desconhecer inteiramente a sua existência (BAKHTIN, 1992. p, 282).

Todo gênero discursivo para Bakhtin é criado e realizado no intuito de atender a uma finalidade interativa, desse modo pode ser definido por meio de três dimensões caracterizadoras: O conteúdo temático; a construção composicional e o estilo, sendo que o último se caracteriza por ser a escolha das marcas linguístico-enunciativa, responsável, também, por marcar a individualidade da cada locutor em sua enunciação. Esses três elementos, associados às condições de produção (quem fala, para quem fala, com que finalidade, em que época, local e suporte), segundo Pinto (2010), formam um gênero.

[...] cada um dos vários gêneros apresenta suas próprias exigências em termos de conteúdo, de estrutura e das sequências linguísticas que os compõem. Todos esses aspectos devem ser aprendidos mediante práticas sociais que desenvolvam as capacidades de linguagem dos aprendizes e as estratégias de aprendizagem (PINTO, 2010, p.61).

Salientamos que o estudo de um determinado gênero discursivo envolvendo os três aspectos apresentados por Bakhtin, depende também das considerações que devem ser feitas a respeito do contexto em que o gênero se situa. Assim podemos perceber que as três características que definem um gênero, ou seja, plano composicional, estilo e conteúdo temático são indissociáveis e muito tem a revelar sobre a identidade linguística e cultural de seus falantes.

O estilo é “vinculado a unidades temáticas determinadas e, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre um locutor e os outros parceiros da comunicação verbal” (BAKHTIN, 2000, p. 284). Desse modo, analisar o estilo da língua e linguagem empregada em um determinado gênero nos remete a investigar questões individuais de seleção e opção de vocabulário, estruturas frasais, as preferências gramaticais, os modalizadores, a paragrafação, a pontuação, entre outros aspectos linguísticos.

Cabe ressaltar que “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar objetivos específicos em situações sociais particulares” (MARCUSCHI, 2005, p.154). Marcuschi afirma que, os gêneros textuais são uma forma de chamar a atenção para a “real função da língua na vida diária e nos seus modos de agir e interagir” (MARCUSCHI, 2008, p,56). Por meio dos gêneros, o ensino de Língua/Linguagem se torna mais atraente, posto que se trata da Linguagem em uso.

Por tanto, ao pensarmos o ensino de Língua, devemos ter em mente o caráter sociodiscursivo da língua. Devemos levar em conta não apenas os gêneros que circundam na norma culta, mas também os que fazem parte do contexto em que o indivíduo está inserido. Cabe lembrar que existem gêneros orais e escritos, sendo que geralmente no ensino de Língua Materna, os gêneros ligados à escrita têm maior prestígio, porém é por meio da oralidade que começamos a mergulhar no universo da linguagem e nos posicionamos socialmente.

3.1 GÊNEROS ORAIS

Os gêneros orais, segundo Bakhtin (1992) são tidos como discursos primários, pois formam-se nas condições de comunicação discursiva imediata, como, por exemplo, no diálogo familiar e cotidiano; nas saudações, no relato do dia-a-dia; telefonema; e nos causos. Já os secundários, surgem nas condições de um convívio cultural mais elaborado, onde predominam os gêneros escritos como romances e dramas, sendo estes os mais prestigiados e estudados.

Porém, podemos afirmar que os primários são a base para a formação dos secundários, visto que, nosso primeiro contato com a linguagem se dá pela oralidade. Quando começamos a aprender a forma escrita da língua, já trazemos como identidade uma enorme bagagem cultural formada por meio de nossa interação familiar e social. Todo esse conhecimento cultural transparece no modo com que elaboramos nossa linguagem escrita. A passagem do gênero primário para o secundário consiste numa continuidade e, ao mesmo tempo, numa ruptura, uma vez que seus objetivos são outros e a linguagem necessita ser polida para atender as exigências de cada gênero escrito.

Trabalhar os gêneros orais, sobretudo os que fazem parte do espaço geográfico e social do falante, contribui para que o indivíduo perceba a importância de se buscar o retrato vivo de emoções e sentimentos próprios de sua comunidade, de sua gente, resgatando assim a sensação de pertencimento à identidade da sua região. Desse modo, a identidade cultural regional passa a ser valorizada e continua a ser disseminada nas práticas cotidianas, mantendo viva a história do povo. Pires (2013) afirma que:

Contar histórias é inerente ao ser humano, todos temos histórias para contar, mergulhados que estamos, ainda que por vezes sem perceber, no patrimônio cultural de mitos, lendas, provérbios, contos, canções, sátiras de todas as proveniências. As narrativas orais expressam hábitos e valores compartilhados no ambiente familiar, religioso, comunitário. Todo esse conhecimento está no corpo e na mente das pessoas, seja qual for o espaço em que elas estejam (PIRES, 2013, p. 13).

Devemos ter em mente a importância das narrativas como elementos significativos da memória de um povo, pois, geralmente são realizadas a partir de um objetivo ou intenção e apresentam um determinado tema, ponto de vista ou enfoque em um determinado assunto. Além disso, é por meio da oralidade, das

historias passadas entre as gerações, que tomamos conhecimento da vida e do imaginário dos povos clássicos, eternizando suas memórias. Silva nos mostra que:

Retomando a questão da história oral, ela traz à tona elementos que têm permitido compreender como as pessoas recordam e constroem suas memórias bem como tecem sua identidade enquanto sujeito étnico. Em se tratando de um método que cria seus próprios documentos, que são por definições diálogos explícitos com a memória do depoente, formando assim um triângulo entre a experiência do passado, o contexto presente e a cultura que se recorda, isso faz com que as fontes orais sejam resultantes de um trabalho da memória (SILVA, S/D).

Para fazer parte da tradição oral é necessário antes fazer parte das memórias, das lembranças. Sendo assim, compreendemos que a memória coletiva de um grupo, é fundamental para compor a identidade e a historicidade de cada sujeito. Outra característica da tradição oral é o fato do narrador não memorizar um conjunto de textos, mas aprender uma sequência de incidentes que formam uma trama, com início, meio e fim distintos, além do mais, nunca duas narrativas de uma mesma historia oral serão exatamente iguais (POLO, 2010).

Para a transmissão desses relatos os contadores populares se utilizam de técnicas específicas que possibilitam o entendimento e envolvimento de seus ouvintes. Também revelam a peculiaridade linguística discursiva de seus falantes, deixando transparecer seus medos, anseios, crenças e valores. Essas narrativas revelam o modo desses grupos sociais verem o mundo e entenderam fatos que vão além do seu conhecimento, mostrando a grandeza da imaginação humana, capaz de tornar reais, relatos fantásticos.

Os narradores populares, em qualquer época e em qualquer povo, são detentores de uma técnica altamente sofisticada, aprendida oralmente no seio da própria família. Esta linguagem, no caso da época oral, por exemplo, possui uma verdadeira gramática cujas regras são capazes de imprimir ao relato uma organicidade perfeita (LEAL, 1985, p. 15).

Em síntese, valorizar os gêneros orais típicos de um determinado grupo, proporciona que as futuras gerações, se reconheçam pertencentes a essa identidade cultural e transmitam as memórias que lhe são contadas, aos ambientes que conhecerem. Além disso, também contribui com a elaboração de gêneros escritos, visto que tudo o que aprendemos tende a ser retransmitido, seja verbalmente ou por meio de algum gênero escrito.

3.2 GÊNERO CAUSO

Tendo em mente, a grandiosidade linguística e discursiva de uma determinada cultura, transmitida por meio dos gêneros orais, pretendemos abordar o gênero oral causo, para tanto, é imprescindível conhecer a diferença entre conto popular e causo. Em resumo, como nos mostra Aragão, o conto popular é uma criação coletiva e anônima, que apresenta um narrador, personagens, espaço e enredo. O número de personagens que participam do conto é pequeno. Também não há espaço para personagens complexos: a ênfase é colocada em suas ações e não em seu caráter é, portanto, conciso.

Diferenciando-se do conto popular, segundo a definição apresentada pelo dicionário Houaiss e Villar (2001), o verbete causo, classifica-se como um substantivo masculino de uso informal sendo o mesmo marca do regionalismo brasileiro, cuja etimologia é proveniente do cruzamento de caso e causa. Desse modo, pode ser entendido como uma narração geralmente falada, relativamente curta, que trata de um acontecimento, caso, história ou conto.

O gênero causo, conforme Batista (2007, p. 105) “é uma narração curta, sobre um acontecimento real. É uma narrativa oral não-ficcional, embora, muitas vezes para o ouvinte pareça evidente a presença de elementos ficcionais”. O causo é um relato de fatos vividos ou testemunhados por aquele que conta, podendo também ter sido ouvido e transmitido por outrem. Apresentando as diferenças entre conto e causo, o autor afirma que:

[...] o causo não é um relato anônimo nem coletivo: quem o conta é seu “autor”. Quando o fato que deu origem ao causo não foi vivido ou testemunhado por quem conta, é dada a referência: diz-se quem contou; ainda que a memória popular não tenha formalidades autorais, um mínimo de indicações registra a origem do relato. O lugar do acontecimento sempre é mencionado. Assim como o lugar da ocorrência, [...] O contador muitas vezes situa o fato no tempo a partir da sua memória: “há muitos anos”, “quando eu era criança”, “no tempo dos meus avós”, “eu devia ter uns quatorze anos” (BATISTA, 2007, p. 105).

O contador de causo afirma a veracidade das histórias que conta, pois segundo ele, viveu ou conheceu alguém que vivenciou o fato relatado, contagiando ou apavorando dessa forma, os seus ouvintes. A temática é marcada por acontecimentos e costumes próprios de cidades interioranas, de uma determinada região e do universo dos contadores:

...assombrações, milagres, cemitério e tesouros escondidos, entre outros temas que surgem espontaneamente por intermédio da fé, do medo, da culpa, do poder e, na maior parte das vezes, de uma imaginação muito fértil. que passam de boca em boca e com esses registros eliminamos o risco do esquecimento. [...] histórias da tradição oral paranaense que, ao tentar explicar o inexplicável, estabelecem um diálogo entre o passado e presente (CARNEIRO JR, 2005, p. 11).

Conforme Pires (2013, p. 17), “essas narrativas populares nascem em culturas orais, criadas, recriadas e preservadas ao longo do tempo, quase sempre através de artifícios narrativos da memória”. Cabe esclarecer também que, os contadores de caso utilizam vários recursos que costumam prender a atenção de seus ouvintes como entonação, gestos, suspense, efeitos de surpresa, humor, entre outros, sendo que, muitos deles apresentam como características próprias e naturais o sotaque e o vocabulário da região. O mesmo autor nos mostra que:

Essas narrativas encerram lições, abordam e discutem os mais diversos temas, além de questões éticas relevantes na convivência cotidiana. Tudo isso sem perder o conteúdo literário e a beleza das histórias que brotam das mais diversas tradições culturais presentes entre nós. É um documento vivo, denunciando costumes, ideias, mentalidades, decisões e julgamentos (PIRES, 2013, p.14).

Pode-se dizer desse modo que, os símbolos e a linguagem presentes nos casos de uma determinada região guardam uma riqueza, que necessita ser analisada e difundida, para que não corra o risco de cair no esquecimento. Sendo assim, o interesse pelo estudo do caso se justifica principalmente, pelo seu conteúdo linguístico, social e cultural, por sua forma artística e pelo papel por ele desempenhado na região sudoeste do Paraná uma vez que:

O Paraná é um dos Estados brasileiros que mais recebeu elementos para o cultivo de lendas e contos fantásticos. Sua formação cultural foi forjada por povos de diversas origens: índios, tropeiros, escravos, soldados, religiosos, imigrantes... um pouco de tudo. Cada um trazendo na sua bagagem uma crença e uma boa história para contar (CARNEIRO JR, 2005, p.11).

A aproximação narrativa entre interlocutores, contadores e as histórias narradas no caso, efetuada pelo traçado das relações que os ligam, segundo Carneiro (2014), nos fornece algumas evidências para conhecer de que forma o caso foi transmitido; através de que trocas de conversa e contexto; baseadas em que grau de intimidade e de parentesco, bem como qual a sua importância enquanto constituição de identidade no espaço geográfico em que acontece.

É importante destacar que, “quando a experiência narrada é a do próprio narrador, tende a ganhar maior legitimidade” (CARNEIRO, 2014, p. 470), pois o ouvinte está frente a frente com quem vivenciou o caso e pode observar como o mesmo se porta ao descrever o fato, verificando por si mesmo a sua veracidade ou não. No entanto, quando o narrador conta sobre um caso que aconteceu com outra pessoa, ele procura meios de tornar o ouvinte o mais próximo possível.

Sabe a Fulana, filha de Beltrana? Ela é casada com Cicrano, tio meu! Esta é uma das fórmulas recorrentes ao se iniciar um caso. Nesta rede virtualmente infinita, o ocorrido narrado revive através da cadeia de pessoas que conversaram: do ouvinte atual àquela que viveu o acontecido. Assim, ao aproximar os envolvidos na conversa, o “caso” funciona como um dispositivo de circulação e mapeamento de pessoas conectadas a um certo circuito de troca de prosa (CARNEIRO, 2014, p.460).

Desse modo concluímos que, é por meio da tradição oral que se identifica “uma sociedade, um povo, dando-lhe uma identidade singular, onde quer que ele esteja (CARNEIRO JR, 2005. p. 12). O fato de se memorizar uma narrativa equivale a ação de disseminá-la, preservá-la, passá-la adiante. Dessa forma, os casos coletados e analisados ajudarão a fortalecer e difundir a identidade cultural do sudoeste paranaense bem como, servirão como base para entendermos o que é o gênero caso, suas características e funcionalidade.

4. ANÁLISE DE DADOS

Em virtude da grande variação discursiva a que os sujeitos estão expostos continuamente, torna-se de grande valor conhecer e analisar os gêneros que fazem parte das relações sociais de um determinado grupo. Do mesmo modo, conhecer as variedades linguísticas de uma comunidade, seu uso e temas comuns, contribui para o fortalecimento da identidade desse mesmo grupo, visto que, seus partícipes passam a se reconhecer como sujeitos propagadores da sua cultura local, passando seus conhecimentos às novas gerações.

Sabemos que, para uma determinada prática discursiva fazer parte da tradição oral, é necessário antes fazer parte das memórias, das lembranças do povo do qual faz parte. Sendo assim, compreendemos que parte da identidade de cada sujeito provém da memória coletiva dos grupos com os quais interage. Outra característica marcante dos discursos orais é o fato do narrador não se preocupar em memorizar as formas com que narra uma história, mas aprender uma sequência de incidentes que formam uma trama. Desse modo, a essência, o tema de duas histórias pode ser igual, mas nunca será contada do mesmo modo.

Por essa razão, Bakhtin nos mostra a importância de se conhecer o maior número possível de gêneros discursivos, visto que, ligam a história da linguagem à história da sociedade. Em resumo, para Bakhtin e o círculo, os gêneros são tipos de enunciados relativamente estáveis, criados para suprir nossa necessidade de comunicação nas diferentes esferas sociais, seja nas práticas discursivas mais elaboradas ou em situações cotidianas informais.

Os estudos bakhtinianos afirmam que graças aos diferentes gêneros discursivos, os falantes têm a oportunidade de agir criticamente sobre a língua, visto que quando dominamos um determinado gênero, dominamos uma forma de ver o mundo. Além disso, passamos a entender a linguagem ali utilizada podendo assimilar ou não esse gênero as nossas práticas sociais.

Para tanto, se faz necessário conhecer os tipos de variações que um determinado gênero apresenta, visto que, essas variações são resultado das necessidades reais de seus falantes. Tal fato ocorre com o gênero *causo*, formado pela interação social entre os primeiros moradores da região sudoestina e disseminado entre as novas gerações, mas que atualmente vem perdendo espaço. É difícil encontrar jovens contadores de *causo*, ainda mais no meio urbano, pois com

o advento das tecnologias e a correria diária, tem-se deixado de lado as relações interpessoais e optado pelos relacionamentos embalados pela internet.

É importante salientar que, os contadores de causos, assim como os contadores populares em geral, se utilizam de técnicas próprias que possibilitam aos seus ouvintes o entendimento e encantamento do que lhes é narrado. Além de que, deixam transparecer em suas falas, as peculiaridades linguística discursiva de seus falantes, bem como suas crenças, medos e certezas. Leal (1985) nos alerta que os narradores populares, bem como os contadores de causo, fazem uso de técnicas altamente sofisticada, aprendida oralmente no seio da própria família. Esta linguagem além de revelar a organização de um determinado grupo, possui uma verdadeira gramática cujas regras são indispensáveis para que a história tenha o efeito desejado.

Sabendo da importância do gênero causo, a seguir será apresentada a análise dos causos gravados, sendo que os mesmos foram recolhidos em quatro cidades diferentes: Chopinzinho, Itapejara D'Oeste, Pato Branco e São João. Os contadores de causo tinham entre cinquenta e oitenta anos e todos passaram a maior parte da vida no meio rural. Cabe destacar também que, dois contadores são do sexo masculino e dois do sexo feminino, mostrando assim que a contação de causos é uma prática comum entre ambos os gêneros.

Como método de transcrição dos causos, foram utilizadas as normas presentes no livro *O discurso oral culto*, organizado por Dino Preti (1999) com tabela fixada no anexo "A" deste trabalho. Para a gravação dos causos, utilizamos a entrevista focalizada, permitindo deste modo, que o entrevistado falasse livremente sobre o assunto, mas, quando este se desviava do tema original, o entrevistador por meio do diálogo o reconduzia ao tema. Desse modo, o sujeito contador de causos tem a liberdade de relatar suas estórias da mesma forma que faz quando está em meio ao seu grupo familiar. Sendo assim, o entrevistador se valeu da observação participante, que segundo Gil (2009), é definida como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo.

Por se tratar de causos verídicos, e querendo preservar a identidade verdadeira das pessoas citadas, os nomes foram alterados, portanto são fictícios. Cabe esclarecer também que, cada contador de causo esta representado pela letra inicial da cidade que mora, por exemplo: representante de Chopinzinho = "C", enquanto o entrevistador é representado pelo signo "E". Na apresentação dos

excertos, esta identificado também de qual caso o mesmo foi retirado sendo que, o caso 1 diz respeito aos casos de Itapejara D'Oeste; caso 2, Chopinzinho; caso 3, Pato Branco e caso 4, São João.

4.1 CONSTRUÇÃO COMPOSICIONAL

Os gêneros orais, segundo Bakhtin (1992), por se formarem em situações discursivas imediatas, são classificados como discursos primários, não significando que cada gênero oral não tenha uma estrutura própria que o diferencie dos demais. Podemos dizer que, a construção composicional de um gênero, diz respeito à estruturação geral interna do enunciado, que permite a sua identificação. Deste modo, primeiramente analisaremos as condições de produção do gênero oral caso, ou seja: quem fala, para quem fala, com que finalidade, em que época, local e suporte.

EXCERTO 1 – CAUSO 1

I: o meu pai... **a mãe contava que o meu nono tinha** um terr::eir::o muito bem lindo assim... as moças eram caprichosas... as filhas... era tudo varridinho e o meu nono lutava com peneir::a...

EXCERTO 2 – CAUSO 2

C: **ESSA É BEM ANTIGA do tempo que a minha vó veio embora pro Brasil...** que a minha vó morava lá do lado do Rio de Janeiro... que ela morava... meu avô era soldado do exercito... daí tinha que medir a colônia de terra dali Chopinzinho... daí eles vem... **do tempo que eles andavam a cavalo...** não tinha carro... eles vieram e ficaram em Guarapuava e::

Ao verificarmos os dois excertos acima, percebemos que o gênero caso se dá em situações cotidianas de interação, portanto tem caráter informal, geralmente remetendo a acontecimentos passados como exposto na frase “essa é bem antiga do tempo que a minha vó veio embora pro Brasil”. Na maioria das vezes, os casos são contados dentro do grupo familiar ou em rodas de conversas entre vizinhos, desse modo, as contações contribuem para o fortalecimento das relações interpessoais, além de manter viva a história dos antepassados na memória dos mais jovens.

Outra característica do gênero é o fato de que uma única pessoa detém o discurso a maior parte do tempo enquanto os demais participantes ouvem atentos os

relatos, podendo tomar o turno da conversa em qualquer momento, desde que seja para perguntar sobre o acontecido, ou sobre algo que o contador não deixou claro em seu relato ou também para contribuir com alguma informação, como observamos a seguir.

EXCERTO 3 – CAUSO 4

E: Foi o que... um mês?

S: UM MÊS... aquilo acho que levou uns dois três anos

E: Sério?

S: U:: CINQUENTA METROS DE COMPRIMENTO... depois aumentaram mais um pouco... e se fosse só a terra:: ... um peral... uma pedreira que ta louco

E: E quando dava numa pedra grande que o arado não arrancava?

S: Sei lá como é que faziam... a:: iam quebrando iam estourando até eles darem um jeito.

Além disso, percebemos que o gênero caso é uma narração curta, sobre um acontecimento real, por essa razão, os contadores buscam situar o tempo e o local exato em que o caso aconteceu. Os contadores também informam quem os contou o fato, isto se os mesmos não o tiverem vivenciado, no intuito de mostrar que o caso realmente aconteceu, como podemos perceber a seguir:

EXERTO 4 – CAUSO 3

P: **Meu pai conta** que o dia que a minha mãe morreu **em Santa Catarina... em:: Abelardo Luz... Passo das Antas** ali... diz que ela apareceu pra ele **em São Paulo** e:: o pai disse “Aline”... Aline era o nome da minha mãe... “QUE VEIO FAZER AQUI... DE QUE MODO VOCÊ VEIO?”... “SÓ DIZER QUE VOCÊ vá cuidar do filho”...

[...]

P: **Eu fui baloarte da da revolta...** A REVOLTA COMEÇOU ASSIM... quando nós chegamos aqui:: meu sogro comprou essa chácara aqui... daí ele comprou essa chácara **MAS AQUELE TEMPO** se comprava direitos né... chegava numa numa... “QUER ME VENDER TUA TERRA?”... “eu vendo”... “QUANTOS ALQUEIRES?” ... “MAIS OU MENOS TANTOS ALQUEIRES”... nem sabia... “MAS AONDE É QUE É?”... “CRUZA POR AQUELE PINHEIRO POR AQUELA ÁRVORE POR AQUELE LADO... CRUZA LÁ LÁ” ... só o outro ia olhando e comprava...

O caso narra fatos vividos, testemunhados ou contados por alguém que conheceu quem passou por aquela situação relatada. Porém, apesar de ser uma narrativa oral não-ficcional, para alguns ouvintes é quase certo que existe um pouco ou muito de fantasia em alguns casos, todavia dizer isso para um contador é tido como uma ofensa, pois ele espera ser creditado em seus relatos. Por isso, o contador procura dar o máximo de referências possíveis, mencionado: o lugar do

acontecimento; quem morava ali por perto; quem pode confirmar o fato; e sempre que possível descrevendo os lugares e pessoas que participam da história, tal como observamos no excerto 5.

EXERTO 5 – CAUSO 1

I: ...essa do João Munchensk então ele era um **rapaz baixinho... entroncado...** assim **o cotovelo dele era um corão dur::o mais dur::o... ele se transformava num cachorr::o** e chegava nas casas e brigava com os cachorr::os... e daí **o pai oferecia sal e a mãe dizia “PODE vir João buscar o sal amanhã** de manhã que você leva”... **ele era o primeiro que abria a:: as mãos na porta e pedia sal..** ta louco

[...]

I: nós **sabia que era ele mesmo... o calcanhar dele MEU DEUS DO CÉU era assim GROSSO** ((gesto com as mãos)) **sabe o que GROSSO e puxado bem pra traz ...aha... os braços peludos e o peito então as costas MEU PAI DO CÉU... é dava remorso...** eu tinha medo do João... tinha medo... as vezes a mãe mandava buscar fruta lá e eu não ia... tinha medo... A:: mais não ia mesmo

E: Ele tinha mais irmãos ou era só ele?

I: **Tinha o Valdo Munchensk...** tinha só aquele de irmão... e **a mulher do Valdo era a Mirian daí era a nora da... daquela velha que era bruxa e daquele lobisomem... cunhada**

Conforme Carneiro (2014), por meio das redes de ralações expostas na contação de um caso, podemos conhecer, de que forma o fato foi transmitido, quando e aonde aconteceu, qual o contexto em que o mesmo surgiu, bem como sua finalidade. Além disso, percebemos que os contadores dão voz às pessoas que participam do caso, geralmente enfatizando o começo de suas falas como veremos a seguir, onde as falas de terceiros aparecem entre aspas.

EXCERTO 6 – CAUSO 2

C: Uma vez eu vendi uma potranca minha pro meu cunhado né... Serafim... e daí ele foi embora e ficou me devendo... daí eu digo chegou o prazo dele me pagar e **ELE NÃO VEIO ME PAGAR...** e eu precisava daquele dinheiro... daí pedi pra minha mãe pra nós ir lá cobrar... ele morava em Santa Cruz... daí eu::... convidei... pedi para o Zeca se ele ia junto... o Zé esse que mora em Chopim... se ele ia junto comigo... disse “EU VOU... eu sei lá onde que ele esta morando”... daí pegamos daí e fomos...

[...]

a minha mãe chorou até de nervosa de nós **IR AQUELE DIA** e voltar no mesmo dia né pra casa... ela disse “**QUE PERIGO** minha filha tu...**VIM DE NOITE... QUE COISA MAIS RUIM... AONDE QUE SE VIU::...porque que não posaram**”... daí o meu irmão falou... o Zé disse... “ **NÃO ADIANTAVA MÃE** não tinha tipo de nós posar... **NÃO TINHA** lugar pra nós dormir”...

É importante esclarecer que a finalidade principal do gênero é distrair os ouvintes, pois os mesmos vão sendo embalados pelos relatos de tal forma que nem percebem o tempo passar. Para atender esse requisito, o contador de casos busca

trazer à tona sentimentos de alegria ou de medo, contribuindo para que seus ouvintes memorizem o que foi contado e passem o caso adiante. Por essa razão, o interlocutor deve estar atento não só ao relato em si, mas aos gestos e expressões que o narrador expõe durante a contação, pois a linguagem corporal do contador é fundamental para que o caso atinja o efeito desejado e seja reconhecido como um fato legítimo.

Tal fato é perceptível em ambos os contadores como podemos perceber no fragmento a seguir:

EXCERTO 7 – CAUSO 4

S: Nós tinha... tinha um cara lá embaixo... o nome dele era Delsio... chamavam de Delsão porque era entroncação... um polacão veio que batia a cabeça ali em cima (**gestos com a mão**)... UM MEDO UM MEDO... o homem mais medroso que tinha naquela região era aquele cara... MEU DIVINO... eu:: eu dava risada... (riso)

Outra característica do caso é que um caso faz com que uma nova história apareça, por isso os contadores tendem a emendar outros casos tão logo terminem um. Geralmente quando um caso está se finalizando, o contador se refere a algum aspecto do tempo presente e este, por sua vez, acaba por relembrar de algum outro caso passado. Tal fato é bem explícito no fragmento a seguir.

EXCERTO 8 – CAUSO 2

C: AHAM:: ... mas a do tigre as mulheres consumiram contudo tomando chá ((risos)) MINHA NOSSA... fazia pra tomar assim com arruda né... pra recaída era muito bom... **MINHA NOSSA... a gente se lembrar do tempo de criança... fico olhando as meninas fazendo barraquinha... estendendo lençol... NÓS FAZIAMOS as nossas casinhas de vassoura...** quebrava a copada de vassoura e fazia aquelas casinhas pra nós brincar... mas PIÁ NÓS NÃO QUERIAMOS JUNTO... era SÓ MENINA... só menina...

Vale lembrar que nunca um caso vai ser recontado da mesma maneira, mesmo que seu narrador seja o mesmo. Cada momento e interlocutor pede uma linguagem diferente, e cada contador deixa transparecer seu subjetivismo, suas identidades, ao relatar um caso. Além disso, por se tratar de um gênero oral, o que foi dito jamais poderá ser expresso da mesma forma, porém a essência do caso continua sendo a mesma, embora sejam necessários novos signos para se obter o mesmo significado.

Deste modo, podemos afirmar que, por meio do gênero caso, os moradores do sudoeste paranaense, mantêm viva a memória linguística discursiva dos

primeiros habitantes da região tornando o gênero como parte fundamental da sua identidade cultural. Segundo Simon (2012), a língua tem, na cultura, sua razão de ser, pois o indivíduo não cria a linguagem. Faz uso daquela que a sociedade lhe ministrou, embora muitas vezes não perceba de onde assimilou tal forma de linguagem e pensamento.

4.2 CONTEÚDO TEMÁTICO

Como já foi exposto anteriormente, o gênero causo nasce em meio às conversas cotidianas como uma forma de entreter os ouvintes, desse modo, a temática é marcada por acontecimentos e costumes próprios das cidades interioranas, de uma determinada região e do universo dos contadores. Tal fato observamos também nos causos contados na região sudoestina, visto que, cada história transmite um pouco da identidade de seu contador e do grupo social do qual o mesmo faz parte.

O conteúdo temático dos causos, tal qual nos afirma Castell (2000), em grande parte se vale de elementos fornecidos pela construção histórica, pela memória coletiva dos habitantes de um grupo (crenças, medos, costumes) ou por fatos fantásticos. Porém, cabe ao contador de causo, escolher o melhor modo de difundir essas histórias, convencendo o ouvinte da sua veracidade. Segundo Carneiro JR (2005), os causos são um patrimônio da tradição oral paranaense, visto que, proporcionam as novas gerações um diálogo entre o passado e presente. Os causos, quando são creditados passam de boca em boca e com esses registros eliminamos o risco do esquecimento, mantendo viva a memória dos primeiros habitantes do estado.

4.2.1 Causos fantásticos

O fantástico é um dos temas mais abordados nos causos da região do sudoeste paranaense, pois segundo Carneiro JR (2005), dentre os estados brasileiros, o Paraná foi um dos que mais recebeu elementos para o cultivo dessas histórias. Tal fato se deve pela formação cultural e étnica da região, visto que, a

população foi formada por diversos povos, destacando-se os índios, tropeiros, escravos e imigrantes sobretudo italianos, alemães e poloneses. Cada um trouxe na bagagem a sua forma de ver o mundo e compreender o desconhecido, e foi por meio do gênero causo que esses moradores disseminaram sua cultura e se apropriaram de outros aspectos culturais, formando assim a identidade linguístico cultural do povo sudoestino.

Os causos fantásticos, por essa razão, são relatos de pessoas reais que de repente se encontram diante do inexplicável. Segundo Todorov (1975), chegamos assim ao coração do fantástico, pois quando um ser real se depara com algum elemento tido como imaginário, tal situação passa a ser difícil de explicar, portanto o testemunho relatado corre o risco de não ser levado em conta. Deste modo segundo o teórico, quem participa de um acontecimento fantástico pode optar entre duas soluções: ou entender que tudo não passa de uma ilusão dos sentidos, deixando as leis que regem a realidade do jeito que são; ou tentar comprovar que tal fato aconteceu realmente, e então esta realidade está regida por leis que vão além do nosso conhecimento.

Um bom contador de causo sempre vai preferir a segunda opção, pois nos causos, o sobrenatural interfere constantemente na realidade apavorando quem presencia tais fenômenos, e fascinando os ouvintes ao terem contato com tais relatos, tal como veremos nos excertos a seguir.

EXCERTO 9 – CAUSO 4

S: daí ele ia jogar:: bola bocha... jogar baralho com a turmada... ele tinha um vinte e doizinho uma porcariazinha assim ((gestos com a mão))... diz que desceu toda aquela serra... lá embaixo perto do... de um morador que tinha ali pra baixo... diz que ele olhou pra traz **um cachorro brancodesse tamanho assim ((gestos com a mão)) acompanhando ele atrás...** e ele olhava pra trás ia ligeiro... e o cachorro em cima... ele **puxou o revolver e DECARREGOU** o revolvinho no no::

E: No cachorro

S: No cachorro... **e o cachorro acompanhando** ((risos))... jogou o revolver contra o cachorro e o cachorro acompanhando ele do lado assim...

EXCERTO 10 – CAUSO 3

P: Meu pai conta que o dia que a minha mãe morreu em Santa Catarina... em:: Abelardo Luz... Passo das Antas ali... diz que ela apareceu pra ele em São Paulo e:: o pai disse "Aline"... Aline era o nome da minha mãe... **"QUE VEIO FAZER AQUI... DE QUE MODO VOCÊ VEIO?"**... "SÓ DIZER QUE VOCÊ vá cuidar do filho"... ele tinha dois... daí diz que ele olhou assim... o quarto **tudo fechado de noite...** e diz que **ele não viu mais nada... foi o espírito dela que foi lá...** mas ele levou QUATRO ANOS PRA VIM::

EXCERTO 11 – CAUSO 2

C: Daí armei a sombrinha e no que eu armei a sombrinha OLHEI em cima... dum lado... e **vinha assim saindo uma de branco de lá... tudo branco** né a roupa... daí eu disse pra ele digo... Zeca olha ali pra baixo pra tu ver... digo o que que é que vem vindo ali?... daí ele olhou e... **“I não é boa coisa... chega o laço no animal e vamos BEM ligeiro...** daí cruzamos ali na Vila de São Francisco mais o que dava né o animal... correndo... daí chegamos... paramos ali onde... perto que mora a Dona Ana do Falecido Barão... e:... paramos ali um pouco... olhei pra traz digo... **OLHA ALI TA CHEGANDO BEM PERTINHO JÁ...** daí ele olhou assim... **“MINHA NO::SSA MAS JÁ VIU ACOMPANHAR A CORRIDA DO ANIMAL?”...** se mandamos... subimos um top onde que morava a Dona Betina de primeiro e se fomos... daí **quando chegamos lá numa altura... olhamos pra trás e não vimos nada mais** daí... ficou por ali né... não enxergamos nada mais...

EXCERTO 12 – CAUSO 1

I: ... e na foto que nós tiramos do falecido Paulo... nos saímos toda a família e a foto do falecido Osias ele **saiu com quatro pernas... uma mulher de cabelo comprido preto... e a criança assim** ((gesto com a mão))... era a nossa afilhada que estava olhando... e foi contar pra nos lá em cima...

Podemos concluir que o fantástico é um dos temas mais frequentes nos causos da região sudoestina, pois os quatro narradores contaram pelo menos um caso com caráter fantástico. mostrando assim, a magnitude do imaginário do povo sudoestino. É interessante perceber que, os excertos 9, 10 e 11 fazem menção a seres fantasmagóricos, que aparecem de noite, sempre envoltos em branco, dando a entender que tal signo está diretamente associado ao irreal, ao desconhecido. Deste modo, os ouvintes nas suas construções de significado são levados a inferir que enxergar algo branco em meio a escuridão é sinônimo de assombração ou mal agouro, ou que é perigoso sair à noite, pois é neste momento que o sobrenatural ronda a nossa realidade.

Em resumo, assuntos relacionados ao fantástico como, assombrações, aparições ou revelações (caso da foto no excerto 12), são temas recorrentes em causos. Nessas narrações, o contador deixa transparecer aspectos da sua subjetividade, como suas crenças, medos e forma de reação diante do desconhecido. O intuito principal do narrador é envolver o receptor na sua trama, pois desse modo seu caso será creditado e passado adiante, para que outros interlocutores sejam levados a tecer novos significados de um mesmo caso.

4.2.2 Causos como memória coletiva

Levando em conta o grande papel social das narrativas orais enquanto elementos significativos da memória de um grupo, é importante demonstrar que assim como o fantástico, a história coletiva também é um dos temas mais comuns encontrados nos causos da região. Para Schmidt (1993), o indivíduo que lembra e reconta é sempre um indivíduo inserido em um grupo de referência, pois a memória é tanto construída em grupo, quanto pela subjetividade do sujeito, portanto não há memória sem interação.

Desse modo, os causos nos permitem conhecer como os contadores recordam e reconstroem suas memórias, bem como, tecem sua identidade enquanto participantes de um determinado grupo. Todo indivíduo, recebe do seu grupo social uma forma de dar significado ao mundo, e mesmo que inconscientemente assume essa identidade, estabelecendo relações entre presente e passado. Cabe lembrar que o documento mantedor dessa memória coletiva é a oralidade, portanto sem a interação entre dois ou mais sujeitos, os causos não atingem o seu objetivo e as histórias dos primeiros moradores da região correm o risco de cair no esquecimento.

A lembrança é um processo coletivo e é graças às contações de causos que temos acesso a fatos históricos e culturais da região que não estão documentados em nenhum local. Esses causos são passados entre as gerações, graças ao sentimento de pertença que cada sujeito experimenta em contado com um grupo. Por essa razão, Schmidt (1993) nos mostra que na memória coletiva o passado é permanentemente reconstruído e vivificado, ao mesmo passo que ganha novas significações de acordo com a subjetividade de cada contador.

A seguir, serão mostrados alguns excertos que remetem ao passado dos contadores, seja um passado próximo, do qual o contador fez parte ou um passado distante, vivenciado por gerações passadas.

EXCERTO 13 – CAUSO 1

I: Tinha bodega tinha açougue tinha ferraria... era bem de vida **meu pai...** depois que a mãe faleceu olha SÓ ponhou fora... [...] daí lá no Alto Paraíso ele vendeu pro (Zandão)... era outro terreno já... lá tinha vinte e cinco alqueires... MEU DEUS... **dava batatinha naquele lugar...** MEU PAI... ele lavrava daí a peonada juntava batatinha... eles passavam a grade... os bois... e:... daí **aquelas batatinhas ficavam por cima da terra e a peonada juntava...** O:: TEMPO BOM
E: Tempo de fartura
I: De **fartura... sem veneno** tudo... e hoje TUDO envenenado

EXCERTO 14 – CAUSO 2

C: AHA I: **minha mãe** nasceu e se criou ali em Chopinzinho... **a minha vó** teve... quando ela veio para Chopinzinho ela não tinha nenhum filho... eles **vieram de lá de Rio de Janeiro**... moravam do outro lado do Rio de Janeiro né... e ela não tinha nenhum filho... e daí vieram pra cá **VIERAM DE NAVIO**... ELA CONTAVA QUE **GASTARAM TRÊS MESES** PRA SAIR AQUI NO BRASIL... pra desembarcar do navio pro Brasil... e ela não podia nem caminhar quando chegou em terra né... ela não podia caminhar porque o balanço do navio:: ... pois três meses não é três dias né?

E: Pois é... imagine de ônibus você viaja três dias e quase não aguenta a canseira.

C: É... e daí eles **vieram acampar em Guarapuava**... daí ali que eles ficaram... daí **o governo mandou eles vim medir Chopinzinho e colônia de terra** né... **era TUDO MATO** aquele tempo... eu tinha até o dente do tigre e o casquinho da... dessa como é?... o dente do tigre até nem sei se eu tenho aí ainda... e o casquinho da anta que o meu avô matou né... TEMPOS ATRÁS não era proibido matar né...

EXCERTO 15 – CAUSO 3

P: se reunia aquela turma... **mês de março e abril era tempo de trabalhar pra pagar os impostos**... então nós íamos pagar... então daí quando pagava os impostos **o inspetor:: dava um cartãozinho** que você tinha pago... aí vinham os fiscais do governo e anotavam tudo isso... pagado... está bom... daí:: ... o governo mandou medir um terreno pra nós... o governo... **o governo que mandava**... chegou o governo que mandava... **daí mandou medir TANTOS ALQUEIRES pra cada um**... OITO alqueires pra cada um... nossa chácara pegava daqui pelo econômico tudo... era vinte e poucos alqueires... **FICAMOS SÓ COM OITO**... daí minha sogra renunciou... “ É MAIS A LEI É pra cada colono oito alqueires o máximo”...

[...]

... **aqui em Pato Branco deu umas coisas feias**... antes aqui eles matavam gente PRA VER MORRER... pegavam crianças e jogavam pra cima... o capitão jogava pra cima... dos carrascos... jogavam pra cima e mandavam esperar com a espada embaixo... pra criancinha cair em cima pra atorar... foi lugar de muita... **OLHA Pato Branco e cidades do Paraná... TEVE VIOLÊNCIA**

EXCERTO 16 – CAUSO 4

S: O dia que você for pra São João você de uma olhada... pro lado de cima assim tem **um barranco... TUDO FEITO A BOI**... arado de boi e enxada

E: Mas levavam aonde a terra?

S: lam espalhando... pois era um barranco... um moro... daí eles cortaram lá e fizeram o seminário... daí a outra metade a prefeitura comprou... daí **aquela época** o prefeito comprou um trator de esteira... MEU DIVINO... ERA O SENHOR PREFEITO QUANDO COMPROU o trator de esteira... ficou tudo bem mais fácil ((riso))... I: o pai quantas vezes **QUANTOS DIAS** ia lá com os bois... **o pai e o irmão mais velho** DEUS O LIVRE... era um dia uma turma outro dia outra... não era sempre os mesmos

A memória coletiva, transmitida por meio dos causos, possibilita que as novas gerações tomem conhecimento de aspectos passados que sem o auxílio do mesmo já teriam sido esquecidos, como exposto nos fragmentos acima. Todos os contadores remetem a fatos significativos da identidade dos primeiros habitantes

como vemos no excerto 13 no qual, a contadora relembra do tempo em que seu pai, residindo no meio rural, plantava batatinha sem a utilização de agrotóxicos. Esse fato era comum na região sudoestina, pois a grande maioria da população residia nesse ambiente. Por essa razão é nessa realidade que o gênero nasce e começa a ser difundido.

Ao nos depararmos com os excertos 14 e 16, percebemos que o objetivo dos contadores é manter viva a história de seus familiares, os quais vieram morar em cidades da região sudoestina, tão logo as mesmas foram colonizadas. Por essa razão eles relatam o trabalho exercido, a natureza do lugar, e como seus familiares contribuíram para a construção da região. Já no excerto 15, o contador vivenciou o caso, por isso, faz constantemente uso da fala de terceiros que com ele ajudaram os colonos da região a manterem suas terras. Em ambas as contações, o que vemos é um sentimento de pertença as cidades da região, um desejo de mostrar o quanto os ouvintes devem sentir orgulho dos primeiros moradores. E isso só é possível graças ao poder da linguagem oral transmitida pelo gênero caso.

4.3 ESTILO

Analisar o estilo de um determinado gênero segundo a teoria bakhtiniana nos remete a investigar questões de seleção e opção de signos, as estruturas frasais, os modalizadores, as marcas linguísticas, regionalismos, bem como outros diversos aspectos linguísticos utilizados pelo enunciador. Visto que, é por meio do estilo que podemos distinguir os gêneros e as particularidades de seus falantes. Sendo assim, é por meio desse olhar que agora pautaremos a análise do gênero caso.

Como mencionado anteriormente, o sudoeste paranaense se formou por meio de uma mistura de diferentes povos, sendo que, cada um trouxe na bagagem a sua forma de ver o mundo e uma linguagem própria. No entanto, nesse contato com o diferente foi necessário uma adaptação, um contrato social e linguístico, do qual os falantes da região foram se apropriando até chegarmos à linguagem encontrada hoje nos casos.

Conforme Pires (2013), os contadores de caso utilizam vários recursos linguísticos para prender a atenção de seus ouvintes como entonação, gestos,

suspense, humor e frases de efeito, sendo que, eles também apresentam o sotaque, as marcas linguísticas e os regionalismos dos moradores da região. Por essa razão, na sequência serão analisados alguns desses aspectos, detectados nos casos recolhidos.

4.3.1 Variedade linguística

O poder diferenciador entre grupos sociais específicos, se reflete por meio das variedades linguísticas que lhe são peculiares, bem como, nas atitudes individuais em relação a variações. Toda língua humana é por natureza heterogênea, pois ela se molda à necessidade comunicacional de seus falantes. Por essa razão, apesar de se pregar uma norma culta da Língua, esta não é um produto estático, fechado em regras gramaticais. Segundo Cereja e Magalhães (1999) uma língua é um código, um conjunto de sons e sinais convencionados por dados agrupamentos sociais para a transmissão de mensagens. Ela se modifica constantemente a partir da criação de nova simbologia semântica para certos vocábulos, do uso ou desuso de determinadas palavras, ou seja, uma língua é reflexo das circunstâncias históricas, culturais e sociais do povo que dele se vale para a comunicação.

Por essa razão é preciso que ao se analisar o gênero causo, sejam verificados esses registros linguísticos, difundidos pelos falantes do sudoeste paranaense. É importante conceituarmos que “os elementos que determinam a variação podem ser de ordem linguística (estrutural) ou extralinguística (social) ou uma combinação das duas” (BAGNO, 2007, p.57). Precisamos ter em mente que, em se tratando de língua/linguagem não há essa história de que uma variante é melhor do que a outra, pois depois que essas variantes saem do âmbito privado e se espalham, tornam-se uma linguagem comum, que todo mundo usa. Portanto, para as variantes da região sudoestina serem aceitas, elas precisam ser absorvidas, tal como acontece nas contações de causo.

EXCERTO 17 – CAUSO 1

I: ... e outra... no meu **nono**... o meu pai... a mãe contava que o meu nono tinha um terr::eir::o muito bem lindo assim... as moças eram caprichosas... as filhas... era tudo varridinho e o meu nono **lutava** com peneir::a... quando... DÁI tinha um (arco) e NO::SSA... e aquele arco rola::ndo no terreiro e daí o meu nono disse pra...pras meninas... “deixaram os arco de peneira pra fora? Olhe lá... estão **pinchando** lá de cima

EXCERTO 18 – CAUSO 2

C:...daí **cruzamos** ali na Vila de São Francisco mais o que dava né o animal... [...] **se mandamos**... subimos um **top** onde que morava a Dona Betina de primeiro e se fomos... daí quando chegamos lá numa altura... olhamos pra trás e não vimos nada mais daí... [...] a minha mãe chorou até de nervosa de nós IR AQUELE DIA e voltar no mesmo dia né pra casa... ela disse “QUE PERIGO minha filha tu...VIM DE NOITE... QUE COISA MAIS RUIM... **AONDE QUE SE VIU**::...porque que não **posaram**”... daí o meu irmão falou... o Zé disse... “ **NÃO ADIANTAVA MÃE** não tinha **tipo** de nós **posar**... **NÃO TINHA** lugar pra nós dormir”... eles moravam num **ranchinho** assim de chão...

EXCERTO 19 – CAUSO 3

P:... pegou um tambor que tinha assim ali do Lourenço Sola... rolou aquele tambor e **ponhou** de pé... aquele tambor e **trepou** em cima daquele tambor e falou... “VOCÊS VÃO CUIDAR DA VIDA DE VOCÊS... DA FAMÍLIA DE VOCÊS... QUE O EXÉRCITO TOMA CONTA... o exército está a favor dos colonos... nós vamos ACABAR com essa **mortandade**... com tudo aqui... AGORA SE VOCÊS NÃO QUISEREM IR... LÁ NAQUELE JIPE OLHE LÁ AQUELA COISA LÁ... aquilo é um canhão... eu mando virar o canhão para cá e deito no chão e **ATORO** TODOS VOCÊS”... (riso)... FOI SÓ **NEGO** PEGANDO A ESPINGARDINHA E COLOCANDO NAS COSTAS E Ó:: (riso)

EXCERTO 20 – CAUSO 4

S: ...chamavam de Delsão porque era **entroncadão**... [...]daí ele ia jogar:: bola bocha... jogar baralho com a **turmada**... [...] ele **falhava** às vezes uns dois três dias...

No excerto 17 encontramos as seguintes variações: *nono*, que significa avô em italiano, e passou a fazer parte do vocabulário da região; *Lutava*, no sentido de trabalhava; *pinchando*, no sentido de jogando. Já no excerto 18, os vocábulos que se destacam são: *cruzamos*, como sinônimo de passamos por aquele lugar; *se mandamos*, no sentido de andar rápido; *tipo*, ao invés de como; *ranchinho*, como referência de casa simples e *posa*, que significa passar a noite na casa de alguém.

Ao nos depararmos com o excerto 19, encontramos novas variações como: *ponhou*, que significa colocar sendo o mesmo muito utilizado pelos falantes da região; *trepou*, para dizer que subiu em cima de algo; *mortandade*, para enfatizar que foram muitas mortes; *atoro*, como sinônimo de cortou e *nego*, para designar um aglomerado de pessoas. No excerto 20, por sua vez encontramos: *entroncadão*, caracterizando o tamanho elevado de uma pessoa; *turmada*, fazendo referência a um determinado grupo de pessoas e *falhava*, que no fragmento significa que o indivíduo faltava às vezes.

Muitas pessoas quando ouvem essas palavras pela primeira vez, acabam por estigmatizar o sujeito falante, julgando o vocabulário como marginal. No entanto, os moradores da região dominam perfeitamente os contextos comunicacionais em que essas variedades linguísticas são utilizadas. Cabe ressaltar que mais do que a estruturação sistemática da língua, o que realmente importa é o papel social da língua que é, por esses falantes perfeitamente utilizado. Vale lembrar também o papel importantíssimo do gênero causo enquanto propagador dessa identidade lingüístico cultural, pois o mesmo mantém viva na memória dos falantes, essas variantes e suas significações.

4.3.2 Marcadores conversacionais

A língua, bem como a linguagem, é utilizada na realização das atividades interacionais entre os falantes de um dado discurso social. Desse modo, cada gênero faz uso de marcadores conversacionais. Segundo Schiffrin (1987 *apud* Travaglia, 2002), esses recursos linguísticos são elementos que marcam unidades sequencialmente dependentes do discurso e que não cabem somente em uma classe linguística, pois, segundo a autora, podem incluir recursos paralinguísticos e gestos não-verbais.

Desse modo, precisamos deixar claro o que são recursos paralinguísticos, pois conforme a definição da mesma autora, são fenômenos que ocorrem na língua, precisamente nos discursos orais, determinados pela situação de comunicação presencial dos interlocutores. São eles: o riso; o olhar e os gestos. Percebemos que esse recurso é utilizado por ambos os contadores de causos, no intuito de envolver os ouvintes nas histórias.

EXCERTO 21 – CAUSO 4

S: ...diz que entrou com porta e tudo pra dentro **((risos))** ELE MESMO CONTAVA... ficou com medo né?... no outro dia no clarear do dia foi lá buscar o revolver no meio da estrada... achou a porcariazinha assim lá no meio da estrada **((gestos com a mão))**... e o cachorro acompanhando ele... ele contava e da::va risada**((riso))**... mas era tudo diversão.

Em outras palavras, os marcadores tanto linguísticos como paralinguísticos, conduzem e orientam as atividades dos falantes, envolvendo os interlocutores na trama, mantendo viva a prática de contação de causos. Quanto aos marcadores

linguísticos presentes nas falas dos contadores, o que mais se destaca é o uso do “daí”. Percebemos que o “daí” está presente na maioria das falas de ambos os causos, mostrando que o termo está diretamente relacionado à identidade lingüístico-discursiva dos habitantes da região sudoestina. A seguir veremos alguns exemplos retirados dos causos gravados:

EXCERTO 22 – CAUSO 2

C: eu sei que **daí** o dente de tigre diz que era mu::lto bom remédio pra recaída pra mulher:: ... quando tá de dieta né... e **daí** a... MINHA NOSSA que a minha avó arrumava pra um e arrumava pra outra... pras filhas dela nora dela... tudo tomar... e **daí** quando uma vez ela emprestou pra uma italiana... ela mandou só o miolo do dente... e a casca decerto FICOU LÁ:: mandou só o miolo do dente ((risos)) e **daí** a minha mãe ficava renegada...

Na maioria das vezes, o marcador “daí” pode ser usado para dar continuidade às ideias anteriormente desenvolvidas como na primeira frase do exemplo acima “sei que *daí* o dente de tigre diz que era mu::lto bom”. Ele também serve para marcar partes de uma explicação como nesses fragmentos “e *daí* a... MINHA NOSSA que a minha avó arrumava pra um e arrumava pra outra”, “e *daí* a minha mãe ficava renegada”, em ambas as frases o *daí* poderia ser substituído pela conjunção *por isso*. Já na frase “e *daí* quando uma vez ela emprestou”, este marcador serve como introdutor de um conhecimento adicional, marcando a entrada de um novo assunto que o falante acha relevante acrescentar no caso.

Desse modo, percebemos que o marcador conversacional *daí* apresenta muitos significados, sendo que o mesmo é o marcador conversacional mais comum não só nos causos como também na fala dos habitantes da região sudoestina como um todo. Percebemos que esse marcador apresenta uma sucessão temporal de acontecimentos, aparecendo inúmeras vezes numa sequência curta de espaço e com diferentes significações.

Desse modo, podemos concluir que esse marcador, somado aos recursos paralinguísticos como gestos e expressões do narrador, são indispensáveis nas contações de causos, estando diretamente ligados à identidade linguística e cultural do sudoeste paranaense. Vale lembrar também que podemos verificar muitas outras particularidades linguísticas presentes nos causos recolhidos, no entanto para dar conta de todos, seria necessário um maior tempo de estudo e aprofundamento, por essa razão optou-se pela análise dos aspectos aqui apresentados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, podemos constatar que os conceitos de identidade, cultura, língua e linguagem estão intimamente relacionados posto que, um completa o outro na constituição do indivíduo. É por meio dos signos da Língua mediados pela linguagem, que uma determinada cultura é difundida e reconhecida pelos grupos sociais, que podem optar entre a identificação ou não do que lhes é transmitido. Do mesmo modo, é graças à cultura de um determinado grupo que a linguagem assume diferentes significados.

Cabe reforçar também que, esses inúmeros discursos sociais criados pelas diferentes culturas e modos de linguagem, são constituídos pelos gêneros do discurso, sendo que cada enunciado produz tipos relativamente estáveis. Desse modo, cada situação comunicacional cria um gênero particular no intuito de atender as necessidades interacionais de seus falantes. Destacamos ainda que esses gêneros estão divididos em duas grandes categorias, os escritos e os orais, sendo que o último é tido como gênero primário, pois surge naturalmente nas relações interpessoais entre os sujeitos de cada grupo social.

É por meio dos gêneros orais que se mantêm viva a memória cultural e lingüística das diferentes comunidades sociais, pois por meio da oralidade os falantes recordam e evocam as características dos povos antigos. Podemos dizer assim que, as narrativas orais se constituem como um enriquecimento de saberes, ao possibilitar o encontro entre presente e passado. Por meio dos gêneros orais, podemos conhecer muito sobre a identidade cultural dos seus grupos de pertença, tal qual acontece com os *causos*, gênero característico dos habitantes do sudoeste paranaense.

Cabe lembrar também que, os símbolos e a linguagem presentes nos *causos* da região guardam uma riqueza, que necessita ser analisada e difundida, para que não corra o risco de cair no esquecimento. Antigamente esse gênero era constantemente praticado, todavia na atualidade vem perdendo espaço, pois as relações face-a-face deram lugar a relacionamentos virtuais. Os jovens atualmente têm acesso as mais variadas culturas, mais muitos não conhecem aquilo que é própria da sua identidade cultural, não sendo de se estranhar que alguns não saibam o que são *causos*, tão pouco os reconheçam como uma prática discursiva característica da região sudeste.

É importante que o gênero causo volte a assumir seu papel enquanto constituição da identidade cultural paranaense, para que, os mais jovens tenham acesso e possam manter viva a memória dos primeiros habitantes da região. Esses causos revelam aspectos históricos que não estão documentados em lugar algum, pois foram vivenciados por pessoas simples, muitas vezes anônimas para a elite social. Além disso, o caráter fantástico de muitos causos nos mostra como os primeiros habitantes viam e interpretavam os acontecimentos da região, deixando transparecer seus medos, anseios e crenças e contribuindo com a construção de significado dos ouvintes.

Sendo assim, é importante deixar claro que, este trabalho tratou apenas de alguns aspectos relevantes ao gênero causo como, o conteúdo temático, composição, e algumas marcas linguísticas-discursivas relevantes ao estilo do mesmo. Porém muito se tem a investigar e analisar sobre o mesmo, visto que, o interesse pelo estudo do causo se justifica principalmente, pelo seu conteúdo linguístico, social e cultural, por sua forma artística e pelo papel que ele desempenha na região sudoeste do Paraná, mantendo viva a memória linguístico-cultural do povo.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: Por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAKHTIN, Michail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fonte, 1992.

_____. **Estética da Criação Verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____, M. **Questões de Literatura e de Estética**: a teoria do romance. 4 ed. São Paulo: Editora Unesp, Hucitec, 1998.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8 ed. São Paulo : Hucitec, 1997.

BATISTA, Gláucia Aparecida. **Entre causos e contos**: gêneros discursivos da tradição oral numa perspectiva transversal para trabalhar a oralidade, a escrita e a construção da subjetividade na interface entre a escola e a cultura popular. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Taubaté, São Paulo, 2007.

BENJAMIN, Walter. **“O narrador”**. **Magia e técnica, arte e política**: Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1975.

CANDIDO, Antonio. **Estímulos da criação literária**. In: *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Ática, 1973.

CARNEIRO JR, Renato Augusto. **Lendas e Contos Populares do Paraná**. Cadernos Paraná da Gente nº 3. Equipe de pesquisa Cíntia Maria Sant’Ana Braga Carneiro , José Luiz de Carvalho , Juliana Calopreso Braga , Myriam Sbravati. - Curitiba : Secretaria de Estado da Cultura , 2005.

CARNEIRO, Ana. Um causo, um povo, uma televisão: formas análogas. ISSN1678-4944. **Mana**, vol.20 nº.3 Rio de Janeiro. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010493132014000300461&script=sci_arttext&lng=pt. Acesso em 17 Out. 2016.

CASCUDO, Luis da Camara. **Literatura Oral no Brasil**. 3.ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; Sao Paulo: Ed. Da Universidade de Sao Paulo, 1984.

CASTELL, M. **O poder da identidade. A era da informação**: economia, sociedade e cultura. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. V. 2. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português: Linguagens**. São Paulo: Atual, 1999.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 13 ed. São Paulo: Ática, 2006.

COELHO, Lidiane Pereira; MESQUITA, Diana Pereira Coelho de. Língua, cultura e identidade. Conceitos intrínsecos e interdependentes. **Entreletras**, Araguaína/TO, v. 4, n. 1, p. 24-34, jan./jul. 2013 (ISSN 2179-3948)

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnica de pesquisa social**. 6ª ed. Editora Atlas. São Paulo. 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10, ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JUNG, Neiva Maria. **A (re)produção de identidades sociais**: na comunidade e na escola. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009.

LEAL, José Carlos. **A natureza do conto popular**. Rio de Janeiro: Conquista, 1985.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MEURER, José Luis. Integrando estudos de gêneros textuais ao contexto de cultura. In: **Gêneros textuais. Reflexões e Ensino**. Editora Nova Fronteira, 2008.

MOTTA-ROTH, Désirée. Questões de metodologia em análise de gêneros. In: **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Editora Nova Fronteira, 2008.

MURICY, Andrade. **Panorama do Conto Paranaense**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1979.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Em aberto**, v. 14, n. 61, 2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado de Educação. **Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para a Educação Básica**. Curitiba, 2006.

PINTO, Abuêndia P. Gêneros discursivos e ensino de Língua Inglesa. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (organizadoras). **Gêneros Textuais e Ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PIRES, E. S. **Memória e oralidade**: narrativas da microrregião do extremo noroeste do Paraná. Brasília, DF: HB Editoração, 2013.

POLO, Mario Junior Alves. Explorando a contação de mitos, causos e histórias tradicionais do norte do Paraná no ensino de história: o recurso à oralidade como

elemento de análise. **Anais do I Seminário Brasileiro de Poéticas Oraís: Vozes, Performances, Sonoridades**, p. 526. Universidade Estadual de Londrina. 2010. ISBN: 978-85-7846-101-0. (UEL).

PRETI D. (org). **O discurso oral culto**. 2 ed. São Paulo: Humanitas Publicações; FFLCH/USP, 1999.

SANTOS, Márcia Andrea. **Nós só conseguimos enxergar dessa maneira... : representações e formação de educadores**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: 2010.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. **Halbwachs: memória coletiva e experiência**. Psicologia USP, v. 4, n. 1-2, p. 285-298, 1993.

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

SIMON Maria Lucia Mexias. Linguagem e Cultura. Universidade Severino Sombra, Coordenadoria de Recursos Gráficos da FUSVE/USS. **Mosaico** - Revista Multidisciplinar de Humanidades, Vassouras, v. 3, n. 1, p. 15-22, jan./jun., 2012

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Acildo Leite da. Memória, Tradição Oral e a Afirmação da Identidade Étnica.- UERJ/PENESB. **GT: Afro-brasileiros e Educação** / n.21. S/D.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin**. Mercado de Letras, 2009.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Editora Perspectiva, 1975.

TRAVAGLIA, L. C. Composição tipológica de textos como atividade de formulação textual. **Revista do GELNE**, Fortaleza, v. 4, n. 1/2, p. 32-37, 2002.

APÊNDICEA – CAUSO 1: TRANSCRIÇÃO DA FALA DO REPRESENTANTE DE ITAPEJARA D`OESTE

E: Pode começar

I: Do:: mesmo?

E: Pode ser...o que a senhora quiser contar

I: Há ta... então eu vou contar outra que é a do ROUBO de figo... do Rovenil... ele comprou o terreno daí - - é o pai do Dora - - e tinha figo que nossa e a turma roubava figo... e o meu pai disse ó compadre eu vou ensinar uma que eles param já de roubar os figos... “Al::ma de al::terra... al::ma de alterra pegue esses que estão pulando a porteira ((riso)) ... o tempo que eu era vivo aqui eu roubava figo e agora que eu sou morto aqui anda meu corpo” ((riso)) hahaha ...TÁ LOUCO... mas sabe que o seu Rovenil colheu tanto do figo e trazia de baciada pro pai ((risos)) Deus o livre... meu Deus... e essa do João Munchensk então ele era um rapaz baixinho... entroncado... assim o cotovelo dele era um coroo dur::o mais dur::o... ele se transformava num cachorr::o e chegava nas casas e brigava com os cachorr::os... e daí o pai oferecia sal e a mãe dizia “PODE vir João buscar o sal amanhã de manhã que você leva”... ele era o primeiro que abria a:: as mãos na porta e pedia sal.. ta louco

E: E ele morava ali perto de vocês?

I: Pertinho pertinho... nós sabia que era ele mesmo... o calcanhar dele MEU DEUS DO CÉU era assim GROSSO ((gesto com as mãos)) sabe o que GROSSO e puxado bem pra traz ...aha... os braços peludos e o peito então as costas MEU PAI DO CÉU... é dava remorso... eu tinha medo do João... tinha medo... as vezes a mãe mandava buscar fruta lá e eu não ia... tinha medo... A:: mais não ia mesmo

E: Ele tinha mais irmãos ou era só ele?

I: Tinha o Valdo Munchensk... tinha só aquele de irmão... e a mulher do Valdo era a Mirian daí era a nora da... daquela velha que era bruxa e daquele lobisomem... cunhada

E: Mas porque será que ele virou lobisomem?

I: Mas esse que eu não posso saber por que ele virou em lobisomem... e outra... no meu nono... o meu pai... a mãe contava que o meu nono tinha um terr::eir::o muito bem lindo assim... as moças eram caprichosas... as filhas... era tudo varridinho e o meu nono lutava com peneir::a... quando... DAÍ tinha um (arco) e NO::SSA... e aquele arco rola::ndo no terreiro e daí o meu nono disse pra...pras meninas... “deixaram os arco de peneira pra fora? Olhe lá... estão pinchando lá de cima”... daí o meu nono falecido saiu pra fora e pendurou... era a comadre dele ((riso)) pelo lábio pindurada ((rissos)) uhum::... era a comadre... mas ta louco... MEU DEUS... antes tempo Deus o livre do céu

E: Hoje em dia não se falam mais essas coisas

I: Não não... acabou... acabou... não falam... e tempo antigo existiam as coisas... MEU DEUS... é o que eu lembro de...

E: Desde quando a senhora mora aqui? Já nasceu aqui?

I: Nós viemos embora de Paulo Frontineu tinha dois anos

E: Dois?

I: Dois anos... daí compramos... o pai comprou em Vila Bonita... ficamos um::itos anos lá... aí comprou um terreno em vila bonita comprou no Alto Paraíso... daí foi vendido... depois nós fomos morar no Gavião do Gavião Barra do Marrecas... depois na chácara... agora aqui... só em Vila Bonita ele tinha cinqüenta e cinco alqueires de terra

E: Nossa

I: Tinha bodega tinha açougue tinha ferraria... era bem de vida meu pai... depois que a mãe faleceu olha SÓ ponhou fora... pegou uma mulher doente e::... Deus o livre... se terminou... daí lá no Alto Paraíso ele vendeu pro (Zandão)... era outro terreno já... lá tinha vinte e cinco alqueires... MEU DEUS... dava batatinha naquele lugar... MEU PAI... ele lavrava daí a peonada juntava batatinha... eles passavam a grade... os bois... e::... daí aquelas batatinhas ficavam por cima da terra e a peonada juntava...

O:: TEMPO BOM

E: Tempo de fartura

I: De fartura... sem veneno tudo... e hoje TUDO envenenado... olha o pão... o pão nós comemos envenenado também... o trigo eles passam veneno... tomate... MAS É TU::DO

E: Até a água

I: A água... tudo... tudo envenenado... meu Deus

E: Pensar que tinha tudo e acabou se perdendo... acabou sem nada

I: É... daí depois COITADINHO... ali aonde esse Arna::ldo mora... ali na veira da estrada... ali foi com o dinheiro do meu pai que compraram pra ele a casa e o lote ali... a chacarazinha... fo::i... dinheiro do meu pai... ta louco.

E: Vocês eram em quantos irmãos?

I: Nós éramos em cinco... dois irmãos e três irmãs... a Alba a Helen e eu... e o Osias e o Paulo... DENTRO de vinte e um dia foi os dois

E: Nossa

I: Tá louco... o falecido Osias acharam pendur::ado... mais foi a sem vergonha que tinha amante né... e daí o que aconteceu... a própria filha dela nossa afilhada... a mãe dela brigou com ela e ela foi lá na chácara e contou pra nos... “Ó padrinho e madrinha... eu vim contar pra vocês... Foi a mãe que ponhou veneno no café... pro pai i::... daí quando o pai não tava bem ela pegou por um braço e o Bepão por outro... foram e penduraram o pai... na sogá”... uhum... o Dora conta como é que foi... bem baixinho num (urupiazeiro)... COITADO... aquele lá olha MEU Deus do céu... trabalhador... não bebia... não fumava... os dois o Paulo e o... O DIA do velório do falecido Osias o falecido Paulo chegou e se debruçou em cima do caixão e disse...”Ó meu irmão... você ta indo mais dentro de vinte e um dias eu to com você”... VINTE E UM DIA foi o Paulo... BE::M certinho... vinte e um dias

E: Mas ele morreu do que?

I: O Paulo? Um cortezinho assim (gestos com a mão) na cabeça e daí o... o Oscar falou pra ele que não tomasse bebida de al::cól né... e ele saiu lá do hospital... foi tomou um traguinho... daí o pai foi e levou de volta no hospital do Oscar... ele encaminhou pré Beltrão... ele faleceu na Barra Grande... não deu tempo de chegar em Beltrão... e na foto que nós tiramos do falecido Paulo... nos saímos toda a família e a foto do falecido Osias ele saiu com quatro pernas... uma mulher de cabelo comprido preto... e a criança assim ((gesto com a mão))... era a nossa afilhada que

estava olhando... e foi contar pra nos lá em cima... COITADO... MEU DEUS... não foi fácil... e tinha só aqueles dois irmãos.

APÊNDICE B - CAUSO 2: B-TRANSCRIÇÃO DA FALA DO REPRESENTANTE DE CHOPINZINHO

C: Pois é...vou começar do... não tudo né... porque né é MUITO cumpri::do né

E: Não... pode contar tudo ((risos))

C: Uma vez eu vendi uma potranca minha pro meu cunhado né... Serafim... e daí ele foi embora e ficou me devendo... daí eu digo chegou o prazo dele me pagar e ELE NÃO VEIO ME PAGAR... e eu precisava daquele dinheiro... daí pedi pra minha mãe pra nós ir lá cobrar... ele morava em Santa Cruz... daí eu::... convidei... pedi para o Zeca se ele ia junto... o Zé esse que mora em Chopim... se ele ia junto comigo... disse “EU VOU... eu sei lá aonde que ele esta morando”... daí pegamos daí e fomos... e chegamos lá já tarde... daí ele estava na roça... daí eu mandei dizer pra ele vir que eu tinha vindo pra mode ele me pagar... daí ele veio... daí ele me pagou me deu o dinheiro que ele me devia e daí nós VIEMOS pra casa... e era já BEM DE TARDEZI::NHA saímos de lá... chegamos ali em Chopinzinho na cidade e estava tudo iluminado né... as luzes tudo acessas... daí ele chegou lá na bodeguinha que tinha na vera da estrada comprar nem que fosse um pedaço de pão pra nós comermos... que nós estávamos sem janta né... e daí ele chegou ali e comprou... eu NEM comi pão nada... nós a cavalo... eu queria chegar o quanto mais antes em CASA né... anoitecemos daí... viemos... quando chegamos aqui em São Francisco... pra cá da guarita um pouquinho... numa baixadinha que tem ali... eu disse pra ele... mas digo ta o sereno estou com medo de me fazer mal me dar uma dor de cabeça... digo ta parece uma garoi::nha... digo vou armar a sombrinha... digo pare um pouco ai pra mim armar a sombrinha... daí armei a sombrinha e no que eu armei a sombrinha OLHEI em cima... dum lado... e vinha assim saindo uma de branco de lá... tudo branco né a roupa... daí eu disse pra ele digo... Zeca olha ali pra baixo pra tu ver... digo o que que é que vem vindo ali?... daí ele olhou e... “I não é boa coisa... chega o laço no animal e vamos BEM ligeiro... daí cruzamos ali na Vila de São Francisco mais o que dava né o animal... correndo... daí chegamos... paramos ali onde... perto que mora a Dona Ana do Falecido Barão... e::... paramos ali um pouco... olhei pra traz digo... OLHA ALI TA CHEGANDO BEM PERTINHO JÁ... daí

ele olhou assim... “MINHA NO::SSA MAS JÁ VIU ACOMPANHAR A CORRIDA DO ANIMAL?”... se mandamos... subimos um top onde que morava a Dona Betina de primeiro e se fomos... daí quando chegamos lá numa altura... olhamos pra traz e não vimos nada mais daí... ficou por ali né... não enxergamos nada mais... daí fomos e:: chegamos em casa... noite velha né que... daí chegamos em casa o galo estava canta::ndo... a minha mãe chorou até de nervosa de nós IR AQUELE DIA e voltar no mesmo dia né pra casa... ela disse “QUE PERIGO minha filha tu...VIM DE NOITE... QUE COISA MAIS RUIM... AONDE QUE SE VIU::...porque que não posaram”... daí o meu irmão falou... o Zé disse... “ NÃO ADIANTAVA MÃE não tinha tipo de nós posar... NÃO TINHA lugar pra nós dormir”... eles moravam num ranchinho assim de chão... o fogo no chão... e tinha só o lugar pra eles dormir né... e pra nós não tinha lugar pra dormir... daí voltamos... digo mais MINHA NOSSA... que eu passei um medo um medo... gente... não gosto nem de me lembrar menina... e daí... eu não quis mais sair de noite porque a gente... tem medo... um dia nos fomos na casa de um vizinho nosso... o seu Samuel Ramos... e ele era muito tocador de gaita... daí era mês de agosto e a minha mãe não queria que nós fossemos... daí eu digo MAIS NÓS vamos mãe prosear com as meninas lá... faz dias que nós não se enxergamos... fomos daí... ficamos dançando... ele tocando gaita lá e nós dançando... daí ele tinha os rapazes dele também... tinha quatro... e ficamos dançando... quando nos vimos... meu pai com... no tempo que usavam facho né não tinha nada assim de luz nem uma lanterna pra i::r... buscar nós ELE FEZ um facho de tabua lascada e ascendeu aquele fachão... quando nós vimos meu pai chegando ali busca nós menina um medo ((riso)) Deus o livre... “CREDO NÓS COM MEDO porque nós vimos uma cor de cachorro porque é TEMPO DE CACHORRO LOUCO... NÓS ESTAVAMOS COM MEDO DE VOCÊS ESTAREM LÁ NAQUELA TAPERA ESCONDIDOS do cachorro louco”... daí eu digo...pois NÃO É NADA PAI nós estávamos da::nçando ((risos)) seu Samuel começou tocar e nós dançan::do... nós estávamos lá bem contentes... “É e a tua mãe ta lá na casa choran::do com medo... representando até grito de vocês... ((rissos)) JUDIARIA ela se preocupava né porque aquele tempo né... o povo esperava que aquele mês era só de cachorro lo::uco... JÁ VIU NÉ?... um mês consagrado... não presta andar falando bobeira assim de cachorro louco... ÁS VEZES acontece né... quantas vezes de acontecer mesmo de enloucar cachorro.... minha nossa... mais não que AQUELE DIA fosse acontecer ((riso))... ESSA É BEM ANTIGA do tempo que a minha vó veio embora

pro Brasil... que a minha vó morava lá do lado do Rio de Janeiro... que ela morava... meu avô era soldado do exercito... daí tinha que medir a colônia de terra dali Chopinzinho... daí eles vem... do tempo que eles andavam a cavalo... não tinha carro... eles vieram e ficaram em Guarapuava e::: daí vinham em Chopinzinho medir as colônias de terra... aonde que morreu um dos agrimensor que ajudava a medir... com uma ferida na perna né... decerto pegou infecção né... antes tempo o povo não falava né.

E: Não tinha conhecimento.

C: E daí morreu... eles pegaram pra não enterrar o homem sem nada assim... enrolaram na coberta... num cobertor e daí enterraram o homem... COISA MAIS TRISTE NÉ... daí eles ficaram em Guarapuava... a minha vó... daí o governo deu uma colônia de terra pro meu avô... daí eles vieram morar ali em Chopinzinho aonde que a minha mãe se criou ali né... ela teve todos os filhos dela... a minha avó ali... se criaram tudo e daí ela casou ali e eu também nasci e:: ... me criei em Chopinzinho... no município de Chopinzinho... hoje já estou com setenta anos.

E: O pai da senhora então foi um dos primeiros a morar aqui?

C: AHA I:: minha mãe nasceu e se criou ali em Chopinzinho... a minha vó teve... quando ela veio para Chopinzinho ela não tinha nenhum filho... eles vieram de lá de Rio de Janeiro... moravam do outro lado do Rio de Janeiro né... e ela não tinha nenhum filho... e daí vieram pra cá VIERAM DE NAVIO... ELA CONTAVA QUE GASTARAM TRÊS MESES PRA SAIR AQUI NO BRASIL... pra desembarcar do navio pro Brasil... e ela não podia nem caminhar quando chegou em terra né... ela não podia caminhar porque o balanço do navio:: ... pois três meses não é três dias né?

E: Pois é... imagine de ônibus você viaja três dias e quase não aquenta a canseira

C: É... e daí eles vieram acampar em Guarapuava... daí ali que eles ficaram... daí o governo mandou eles vim medir Chopinzinho e colônia de terra né... era TUDO MATO aquele tempo... eu tinha até o dente do tigre e o casquinho da... dessa como é?... o dente do tigre até nem sei se eu tenho ai ainda... e o casquinho da anta que o meu avô matou né... TEMPOS ATRÁZ não era proibido matar né... e daí ele matou a onça e essa anta e tirou o casquinho dela... minha mãe tinha... minha avó tinha guardado né... e daí quando minha vó morreu minha mãe ficou também... e daí eu tinha... não sei se foi o Augusto que levou pra Pato Bra::nco... e daí eu não achei mais... e daí a Bela falou que não sei se ele não levou pro museu de PATO

BRANCO... mais AQUI TAMBÉM EM CHOPINZINHO TINHA QUE TER... acho que tem né... porque foi aqui

E: O certo era aqui

C: Era tempo de sertania né... sertania i:: ... eu sei que daí o dente de tigre diz que era mu::lto bom remédio pra recaída pra mulher:: ... quando ta de dieta né... e daí a... MINHA NOSSA que a minha avó arrumava pra um e arrumava pra outra... pras filhas dela nora dela... tudo tomar... e daí quando uma vez ela emprestou pra uma italiana... ela mandou só o miolo do dente... e a casca decerto FICOU LÁ:: mandou só o miolo do dente ((risos)) e daí a minha mãe ficava renegada... e era um remédio abençoado meni::na pra:: recaída

E: Mas como eles faziam o remédio?

C: Raspava né o dente... e daí fazia o chá para a mulher tomar... é:: era muito bom... e EU GUARDEI... a minha mãe tinha guardado que a minha avó guardou... e agora eu:: não achei mais... eu acho que

E: Acabou se perdendo

C: E estava guardadinho... eu sempre guardava bem... e daí tem o dente do leão... do leão parece que tem ali guardado ainda

E: QUE LEGAL

C: AHAM:: ... mas a do tigre as mulheres consumiram contudo tomando chá ((risos)) MINHA NOSSA... fazia pra tomar assim com arruda né... pra recaída era muito bom... MINHA NOSSA... a gente se lembrar do tempo de criança... fico olhando as meninas fazendo barraquinha... estendendo lençou... NÓS FAZIAMOS as nossas casinhas de vassoura... quebrava a copada de vassoura e fazia aquelas casinhas pra nós brincar... mas PIÁ NÓS NÃO QUERIAMOS JUNTO... era SÓ MENINA... só menina... e nós fazíamos sapato de caite de folha de caite né... e daí amarrava com folha de bananeira e daí fazia cinta de folha de (banana)... e daí ponhava no cabelo né a:: palha de milho... as tirinhas assim ((gestos com a mão))... pra fazer tope pra ponhar no cabelo... e uma ia passear na casa da outra... na casa das comadres ((riso))... OLHA pra nós não tinha coisa mais linda... hoje as meninas não querem saber mais de boneca né... só o celular... aquelas que tem

E: E esquecem do mundo

C: Eu sei pela Maria... MINHA NOSSA... com três aninhos já não quer mais brincar com boneca e:: se tiver um celular na mão... é aquilo brinquedo

APÊNDICE C - CAUSO 3: –TRANSCRIÇÃO DA FALA DO REPRESENTANTE DE PATO BRANCO

P: Meu pai conta que o dia que a minha mãe morreu em Santa Catarina... em:: Abelardo Luz... Passo das Antas ali... diz que ela apareceu pra ele em São Paulo e:: o pai disse “Aline”... Aline era o nome da minha mãe... “QUE VEIO FAZER AQUI... DE QUE MODO VOCÊ VEIO?”... “SÓ DIZER QUE VOCÊ vá cuidar do filho”... ele tinha dois... daí diz que ele olhou assim... o quarto tudo fechado de noite... e diz que ele não viu mais nada... foi o espírito dela que foi lá... mas ele levou QUATRO ANOS PRA VIM:: eu conheci meu pai quando TINHA QUATRO ANOS... meu irmão mais velho tinha sete... era mais velho dois anos... três anos... e daí vim pra cá...

2ª PARTE

P: Eu fui baloarte da da revolta... A REVOLTA COMEÇOU ASSIM... quando nós chegamos aqui:: meu sogro comprou essa chácara aqui... daí ele comprou essa chácara MAS AQUELE TEMPO se comprava direitos né... chegava numa numa... “QUER ME VENDER TUA TERRA?”... “eu vendo”... “QUANTOS ALQUEIRES?” ... “MAIS OU MENOS TANTOS ALQUEIRES”... nem sabia... “MAS AONDE É QUE É?”... “CRUZA POR AQUELE PINHEIRO POR AQUELA ÁRVORE POR AQUELE LADO... CRUZA LÁ LÁ” ... só o outro ia olhando e comprava... então meu:: sogro agarrou e comprou... tinha um pouquinho de trigo plantado aqui... ESTA BOM... comprou daí nós pagávamos os impostos... pro governo... ia trabalhar na estrada... fazia estrada... TRÊS DIAS CADA UM... se reunia aquela turma... mês de março e abriu era tempo de trabalhar pra pagar os impostos... então nós íamos pagar... então daí quando pagava os impostos o inspetor:: dava um cartãozinho que você tinha pago... ai vinham os fiscais do governo e anotavam tudo isso... pagado... esta bom... daí:: ... o governo mandou medir um terreno pra nós... o governo... o governo que mandava... chegou o governo que mandava... daí mandou medir TANTOS ALQUEIRES pra cada um... OITO alqueires pra cada um... nossa chácara pegava daqui pelo econômico tudo... era vinte e poucos alqueires... FICAMOS SÓ COM OITO... daí minha sogra renunciou... “ É MAIS A LEI É pra cada colono oito alqueires o máximo... mediu os oito alqueires... ENTÃO PEGAVA lá pelo Novo Horizonte Veneza tudo o que tinha pra nós... aqui onde esta as casinhas ali... tudo pra nós... até aquele salão onde os evangélicos fazem ali... fazem festa ali... DAÍ ficamos com aquilo ali... DERREPENTE SABE COME É QUE O LUPION FEZ?...

GOVERNO LUPION... era o governador... AGARROU A TERRA VENDEU TUDO PRA CITLA... TODAS AS TERRAS... E MANDOU DESPEJAR NÓS... chegava um cara aqui... queria comprar a terra... “quanto é que o senhor quer pela terra?”... “tantos mil... tantos contos” eram tantos contos de réis... “dez contos”... pagava os dez contos e ia embora... de noite eles vinham e MATAVAM OS MORADOR... E PONHAVAM FOGO NA CASA... e assim foram fazendo... até que um dia... eu morava lá embaixo... daí lá embaixo eu morava lá... chegou três homens... finado Artur Birg o Pacheco e um outro... “ESCUTE Emílio você quer acompanhar nós ou quer ficar aqui?... esta acontecendo assim assim assim assim... estão matando gente... mataram a família do Saldanha mataram a família de ciclano e beltrano... e ali foram juntando gente... SE REUNIMOS EM QUATROCENTOS HOMENS TODOS ARMADOS... eu tenho as fotografias... fotografia não tenho no livro... DAÍ:: AGARREI... e disse pra mulher... “SEJA O QUE DEUS QUIZER MINHA VELHA... fique aí”... passei o facão na cinta... “EU NÃO TENHO ARMA”... “NÓS DAMOS UM JEITO EM ARMAS”... SE LARGAMOS COM AQUELES HOMENS... primeira coisa que tomamos foi A DELEGACIA... daí ali se armamos... depois tomamos o fórum... QUATROCENTOS HOMENS NÉ... daí começamos a prender a policia... porque a policia era do governo do estado... do Moysés Lupion... que mandava... começaram a soltar bandido das penitenciarias pra vir tomar a terra de nós... ali nós fomos brigando... chegamos na encruzilhada ali acampados esperando a gente que vinha de Beltrão pra atacar... ONIBÚS CAMINHÃO nós atacávamos tudo... daí quando foi um::... um certo dia – matavam gente que... chegavam esses caminhão com um pano coberto... com uma lona amarela... os companheiros nossos paravam o caminhão... diziam... “LEVANTA A LONA LÁ PRA EU OLHAR”... a gente levantava a lona lá do caminhão tava aquele (estila) lá de nego morto um por cima do outro que eles iam matando... “ONDE É QUE VOCÊS VÃO LEVAR?”... “vamos levar pra tal lugar... jogar no rio” – daí o prefeito doutorWaldir Graeff era:: era prefeito... é... daí de repente... fomos falar com o doutor Graeff... “TÃO TUDO LOUCO... DEIXE O PESSOAL... PORQUE FAZER UM LEVANTE DESSE?”... chegamos no Bolelal Fidask uma Renner grande que tinha na cidade ali...falamos pra eles fecharem a bodega e diz... “NÓS NÃO FECHAMOS... QUEM MANDA NA NOSSA LOJA SOMOS NÓS”... eles eram todos companheiros dos ladrão... e nós ENTRAMOS DENTRO DA LOJA E JOGAMOS TUDO () pela rua... as janelas tudo... jogamos tudo... tomamos conta... ficamos todos virado a bichos... fomos daqui ATÉ

CAPANEMA...brigando com o pessoal... com o pessoal da CITLA... e:: ponhando foco nos escritórios... MAIS FOI UMA COISA QUE DEUS O LIVRE... ISSO FOI EM:: ali marca... foi em cinqüenta e sete... foi em cinqüenta e sete... pra você ver quantos anos fazem né... daí UM DIA NÓS TODOS... prendendo ônibus ali na encruzilhada... e:: e tirava a polícia ali... de dentro dos ônibus... tirava as armas da polícia e ficava com as armas... QUANDO FOI UM DIA... DUAS HORAS DA TARDE ERA... ESVERDIOU... O EXÉRCITO CHEGOU... esverdizou de gente assim ()... todos cheios de medalha... todos cheios de estrelas... pela testa naquele boné... tudo atipado... e a polícia toda lá... e um jipe... aquele jipe tinha um negócio assim em cima do jipe... daí chegou... “QUERO FALAR COM VOCÊS”... daí todos com as armas... “NÃO CALMA... EU SOU CAPITÃO DO EXÉRCITO... ESTAMOS COM DUAS COMPANIAS... o exército de União da Vitória e o exército de Palmas... QUEREMOS FALAR COM VOCÊS... VOCÊS NÃO SABEM O QUE ESTÃO FAZENDO... NÓS ESTAMOS... ESTAMOS COM... COM... ATENDENDO VOCÊS... SOMOS A FAVOR DOS COLONOS”... o exército falando... tudo de verde aquela gente... “ESTAMOS A FAVOR DOS COLONOS PORQUE TEM LUGAR AI QUE TA O SANGUE DANDO PELO MEIO DA CANELA DA TURMA... tem lugar que vocês não sabem o que está acontecendo”... diz... “tem lugar que esses coturnos meus aqui COBREM DE SANGUE tudo pra caminhar”... se vê que mortandade que estava ai... era a coisa mais triste do mundo... daí o Arthur Birg disse... “OLHA CAPITÃO NÓS ESTAMOS PARA MATAR OU MORRER”... diz “não CAL::MA EU JÁ PEDI CALMA”... pegou um tambor que tinha assim ali do Lourenço Sola... rolou aquele tambor e ponhou de pé... aquele tambor e trepou em cima daquele tambor e falou... “VOCÊS VÃO CUIDAR DA VIDA DE VOCÊS... DA FAMÍLIA DE VOCÊS... QUE O EXÉRCITO TOMA CONTA... o exército está a favor dos colonos... nós vamos ACABAR com essa mortandade... com tudo aqui... AGORA SE VOCÊS NÃO QUISEREM IR... LÁ NAQUELE JIPE OLHE LÁ AQUELA COISA LÁ... aquilo é um canhão... eu mando virar o canhão para cá e deito no chão e ATORO TODOS VOCÊS”... (riso)... FOI SÓ NEGO PEGANDO A ESPINGARDINHA E COLOCANDO NAS COSTAS E Ó:: (riso) QUEM É QUE VAI FICAR ALI?... O HOMEM FALANDO... daí ele falou... daí fomos entregar aquelas armas e tudo e:: acalmou... mais Deus o livre... aquele campo de aviação... aonde tem o campo de aviação ali... ali o que enterraram gente... de gente... agora ESSES TEMPO... aqui em certos lugar aqui... as vezes acham um relógio de ouro... as vezes acham objeto de valor ali... corrente

de ouro... medalhas... ali é GENTE QUE ELES ENTERRARAM E DERRETEU TUDO NÉ... PORQUE NÓS SOMOS PÓ DE TERRA... nós se ... ficar enterrado ali... que nem agora fala a verdade... nós fomos até enterrar uma irmã dela ai... a Antonia... quando tiramos o cachão da dona Tere que faz dois três anos que morreu... só a roupinha dela estava lá... NÓS DERRETEMOS DERRETEMOS... NOSSO CORPO DEPOIS DE DERRETER É UM PUNHADINHO DE OSSO ASSIM (GESTO COM A MÃO)... a terra come... então aqui deu coisas feias... aqui uma vez... aqui em Pato Branco deu umas coisas feias... antes aqui eles matavam gente PRA VER MORRER... pegavam crianças e jogavam pra cima... o capitão jogava pra cima... dos carrascos... jogavam pra cima e mandavam esperar com a espada embaixo... pra criancinha cair em cima pra atorar... foi lugar de muita... OLHA Pato Branco e cidades do Paraná... TEVE VIOLÊNCIA

APÊNDICE D – CAUSO 4: TRANSCRIÇÃO DA FALA DO REPRESENTANTE DE SÃO JOÃO

S: Nós tinha... tinha um cara lá embaixo... o nome dele era Delsio... chamavam de Delsão porque era entroncadão... um polacão veio que batia a cabeça ali em cima (gestos com a mão)... UM MEDO UM MEDO... o homem mais medroso que tinha naquela região era aquele cara... MEU DIVINO... eu:: eu dava risada... (riso) ele vinha na missa sábado de noite e passava na em casa... a estrada era encostada na casa... uns dez metros longe da casa ()... e as vezes esperava nós irmos na missa... quando via que eles estavam vindo lá de baixo esperava eles... e eles lá de baixo em três quatro... daí esperava assim e:: ia junto... daí eles diziam... “MAS VOCÊ NÃO TEM MEDO DE SAIR SOZINHO?”... “MAS MEDO DO QUE?... NÃO TEM NADA”... “Deus o livre eu não saio”... daí ele ia:: as vezes na sexta... lá na comunidade no Cristo Rei... mas tinha que subir uns dois quilômetros de morro acima... daí ele ia jogar:: bola bocha... jogar baralho com a turmada... ele tinha um vinte e dozinho uma porcariazinha assim ((gestos com a mão))... diz que desceu toda aquela serra... lá embaixo perto do... dum morador que tinha ali pra baixo... diz que ele olhou pra traz um cachorro branco desse tamanho assim ((gestos com a

mão)) acompanhando ele atrás... e ele olhava pra traz e ia ligeiro... e o cachorro em cima... ele puxou o revolver e DECARREGOU o revolvinho no no::

E: No cachorro

S: No cachorro... e o cachorro acompanhando ((risos))... jogou o revolver contra o cachorro e o cachorro acompanhando ele do lado assim... mais diz que ele chegou em casa... dai a casa... casa de madeira... tinha dois degraus... três degraus pra subir... pra entrar dentro... e na casa ele veio ligeiro... e os cachorro da casa mesmo... se assustaram... tinha um deitado em baixo da casa... embaixo da escada assim... quase que pega no pé dele... diz que entrou com porta e tudo pra dentro ((risos)) ELE MESMO CONTAVA... ficou com medo né?... no outro dia no clarear do dia foi lá buscar o revolver no meio da estrada... achou a porcariazinha assim lá no meio da estrada ((gestos com a mão))... e o cachorro acompanhando ele... ele contava e da::va risada... mas era tudo diversão

SEGUNDA PARTE

S: O dia que você for pra São João você de uma olhada... pro lado de cima assim tem um barranco... () TUDO FEITO A BOI... arado de boi e enxada

E: Mas levavam aonde a terra?

I: Iam espalhando... pois era um barranco... um moro... daí eles cortaram lá e fizeram o seminário... daí a outra metade a prefeitura comprou... daí aquela época o prefeito comprou um trator de esteira... MEU DIVINO... ERA O SENHOR PREFEITO QUANDO COMPROU o trator de esteira... ficou tudo bem mais fácil ((riso))... I:: o pai quantas vezes QUANTOS DIAS ia lá com os bois... o pai e o irmão mais velho DEUS O LIVRE... era um dia uma turma outro dia outra... não era sempre os mesmos

E: Era escalado?

I: Isso... daí eles fizeram uma (folha) de serra... aquelas serras de dois pra cortar lenha... eles fizeram tipo uma lamina pra puxar com o boi... daí dois três com o arado cortando a terra... daí um com a junta de boi... atravessavam um pouco a serra pra um lado assim ((gestos com a mão)) e iam empurrando a terra... deixavam a lâmina meia torta... daí iam empurrando... daí até que levava aquela camada... os outros já tinham feito de novo... e foi algum tempo

E: Foi o que... um mês?

S: UM MÊS... aquilo acho que levou uns dois três anos

E: Sério?

S: U:: CINQUENTA METROS DE COMPRIMENTO... depois aumentaram mais um pouco... e se fosse só a terra:: ... um perral... uma pedreira que ta louco

E: E quando dava numa pedra grande que o arado não arrancava?

S: Sei lá como é que faziam... a:: iam quebrando iam estourando até eles darem um jeito... daí todo mundo ia de carroça e levavam os arados... tinha mais carroça lá do que gente ((risos))...

E: Foi para fazer o colégio das irmãs que fizeram isso?

S:Aha... isso fora a construção ainda... e as paredes eram tudo tijolo maciço... não eram aqueles tijolos de hoje em dia de seis oito furos... tudo tijolinho maciço... tudo assim ó:: ((gestos com a mão))... o pai e os irmão mais velhos... o pai estava mais ali do que em casa... e dava doze quilômetros de lá até ali na cidade pra vir com a carroça... ele falhava as vezes uns dois três dias... falhava daí tinha os boi em casa... ACHO QUE o único que pode contar melhor acho que é o Célio... desse desse colégio ai... os outros acho que não tem mais nenhum... BOM TEM A PEDRA LÁ... como é que se diz... a pedra que tem a data em cima... nem sei aonde é que esta... quando eu ir lá quero ver se eu acho... aquela pedra que tem a data em cima

ANEXO A – NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS GRAVADAS

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Incompreensão de palavras ou segmento	()	Do níveis de renda () nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	E comé/e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	Porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para :::: ou mais	Ao emprestarmos éh:: ... dinheiro
Silabação	-	Por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	E o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razões ... que fazem com que se retenha moeda ... existe uma ... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição: desvio temático	- - - -	... a demanda de moeda - - vamos dar casa essa notação - - demanda de moeda por motivo ...
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando as linhas	a. na casa de sua irmã b. [sexta-feira? a. fazem LÁ b. [cozinham lá
Indicação de que a fala foi	(...)	(...) nós vimos que existem...

tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.		
Citações literais de textos, durante a gravação	“entre aspas”	“O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós”...
<p>1. Iniciais maiúsculas : só para nomes próprios ou para siglas (USP etc)</p> <p>2. Fáticos: ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá</p> <p>3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.</p> <p>4. Números por extenso.</p> <p>5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa) 6. Não se anota o cadenciamento da frase.</p> <p>7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (alongamento e pausa)</p> <p>8. Não se utilizam sinais de pausa, típicas da língua escrita, como ponto e vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.</p>		

Tabela I – Normas para transcrição (PRETI, 1999, p. 19).

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: A constituição da identidade cultural do sudoeste paranaense por meio do gênero oral causos.

Coordenadora: Prof. Dr^a: Márcia Andrea Santos.

Pesquisadora: Daniele Aparecida Bueno de Lima de Chaves

1. Natureza da pesquisa: Você é convidado a participar desta pesquisa, que tem como finalidade colher alguns causos para análise e verificação do gênero.

2. Participantes da pesquisa: Pessoas que gostam de contar causos, em diferentes cidades do sudoeste paranaense.

3. Envolvimento na pesquisa: Ao participar deste estudo você será convidado a contar alguns dos causos que conhece, sendo que, os mesmos serão gravados para futura análise. Você tem a liberdade de se recusar a participar e pode, ainda, se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo. No entanto, sua colaboração é indispensável para que a pesquisa tenha resultados satisfatórios.

4. Sobre a entrevista: Você contará alguns causos que conhece, do mesmo modo que costuma fazer quando conta para algum conhecido seu. Enquanto isso, a contação será gravada para posteriormente ser escrita e analisada. Em nenhum momento da pesquisa, sua identificação pessoal será exposta.

5. Riscos e desconforto: A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme resolução n. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

6. Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são confidenciais. Apenas os membros do grupo de pesquisa terão conhecimento dos dados, sendo utilizados apenas a fim de pesquisa.

7. Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre as questões relativas ao tema da pesquisa, ou seja, esclareça a importância do gênero oral causos como consolidação da identidade cultural do sudoeste paranaense

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto, preencha os itens que se seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Nome completo: _____.

RG: _____ Data de Nascimento: __/__/____ Telefone: _____.

Endereço: _____ CEP: __

_____ Cidade: _____ Estado: _____.

Assinatura:

Data: __/__/____

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com _____, via *e-mail*: _____ ou telefone: _____.

Assinatura pesquisador:

Data: __/__/____

Nome completo: _____

OBS: Os termos de consentimento devidamente assinados, encontra-se em posse da autora do trabalho.